



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Ciência da Informação  
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Claudia Alves Pimenta

BIBLIOTERAPIA: UMA CONTRIBUIÇÃO SIGNIFICATIVA NO TRATAMENTO DOS  
TRANSTORNOS MENTAIS

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília

2020

Claudia Alves Pimenta

BIBLIOTERAPIA: UMA CONTRIBUIÇÃO SIGNIFICATIVA NO TRATAMENTO DOS  
TRANSTORNOS MENTAIS

Monografia apresentada como parte das  
exigências para obtenção do título de  
Bacharel em Biblioteconomia pela  
Faculdade de Ciência da Informação da  
Universidade de Brasília

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília

2020

## Ficha catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pela autora.

PP644b Pimenta, Claudia Alves  
BIBLIOTERAPIA: uma contribuição significativa no  
tratamento dos transtornos mentais / Claudia Alves Pimenta;  
orientadora Rita de Cássia do Vale Caribé. -- Brasília, 2020.  
78 f.  
Monografia (Graduação -) -- Universidade de Brasília,  
2020.  
1. Biblioterapia. 2. Transtornos Comportamentais. 3.  
Transtornos Mentais. I. Caribé, Rita de Cássia do Vale,  
orient. II. Título./

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Título:** Biblioterapia: uma contribuição significativa no tratamento dos transtornos mentais.

**Autor(a):** Cláudia Alves Pimenta

Monografia apresentada remotamente em **03 de Dezembro de 2020** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Rita de Cássia do Vale Caribé

Membro Interno (FCI/UnB): Ivette Kafure Muñoz

Membro Interno (FCI/UnB): Kelley Cristine G. Dias Gasque - Membro

Em 08/12/2020.

---

Documento assinado eletronicamente por **Rita de Cassia do Vale Caribe, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 29/12/2020, às 10:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

---

Documento assinado eletronicamente por **Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 29/12/2020, às 14:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

---

Documento assinado eletronicamente por **Claudia Alves Pimenta, Usuário Externo**, em 04/01/2021,

às 12:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

---

Documento assinado eletronicamente por **Ivette Kafure Munoz, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 20/01/2021, às 12:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

---

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unb.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6060221** e o código CRC **1A2D4757**.

---

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus filhos Luan, Paloma e Luca.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo sublime dom da vida e por me permitir chegar ao final desta caminhada.

Aos meus pais, João (in memoriam) e Rita, por eles serem minha base, meu alicerce.

Aos meus filhos Luan, Paloma e Luca, pelo amor, carinho, compreensão e incentivo.

Aos meus irmãos e irmãs, principalmente minha irmã Elena, que nunca me deixou desistir, sempre me incentivou a continuar.

A minha amada filha Paloma que, com muito carinho e paciência revisou a redação do meu texto.

A minha orientadora Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé, que acreditou nesse desafio de escrever sobre a Biblioterapia, e até me incentivou, e me orientou. O meu muito obrigada!

Aos membros da banca, por participarem e opinarem neste trabalho dando sua honrosa contribuição.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

## Epigrafe

*A história da leitura, felizmente, não tem fim. Depois do último capítulo e antes do já mencionado índice copioso, nosso autor deixou várias páginas em branco para o leitor acrescentar mais pensamentos sobre a leitura, temas obviamente esquecidos, citações pertinentes, eventos e personagens ainda no futuro. Há algum consolo nisso. Imagino deixar o livro na mesinha-de-cabeceira, imagino abri-lo hoje à noite, amanhã à noite ou depois de amanhã, imagino que direi a mim mesmo: "Não acabou".*

*Alberto Manguel  
(1996)*



## RESUMO

A pesquisa tem como objetivo principal investigar como a biblioterapia pode beneficiar quem sofre com transtornos mentais por meio da leitura terapêutica com base na literatura científica brasileira. Os objetivos específicos foram: estudar os conceitos e definição de biblioterapia; inventariar as principais formas de aplicação da biblioterapia e pesquisar as práticas biblioterapêuticas e como estas podem contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas que sofrem com transtornos mentais. Quanto aos procedimentos metodológicos foram adotadas, nesta pesquisa, duas estratégias de coleta de dados: a pesquisa bibliográfica e a entrevista com especialista em Biblioterapia. Os resultados da revisão de literatura apontaram que a biblioterapia, é uma técnica eficaz e pode ser aplicada nos mais diferentes contextos e campos de atuação atendendo aos mais diversos públicos alvos. Os dados obtidos na entrevista confirmaram que a biblioterapia é um instrumento poderoso que alcança todas as pessoas de qualquer faixa etária e não se limita apenas às pessoas que estão doentes. É uma prática de cuidado com o ser humano. Foi possível verificar que essencialmente, a biblioterapia envolve o uso de livros e outros materiais cuidadosamente selecionados para ajudar um indivíduo a se recuperar de um transtorno mental, como depressão, ansiedade, superar um problema emocional ou outros desafios da vida.

**Palavras chave:** Biblioterapia; Transtornos Comportamentais; Transtornos Mentais.

## ABSTRACT

The main objective of the research is to investigate how bibliotherapy can benefit those who suffer from mental disorders through therapeutic reading based on the Brazilian scientific literature. The specific objectives were: to study the concepts and definition of bibliotherapy; inventory the main forms of application of bibliotherapy and research bibliotherapeutic practices and how they can contribute to improving the quality of life of people who suffer from mental disorders. Regarding the methodological procedures, two data collection strategies were adopted in this research: the bibliographic research and the interview with a specialist in Bibliotherapy. The results of the literature review showed that bibliotherapy is an effective technique and can be applied in the most different contexts and fields of action, serving the most diverse target audiences. The data obtained in the interview confirmed that bibliotherapy is a powerful tool that reaches all people of any age group and is not limited to people who are sick. It is a practice of caring for human beings. It was found that essentially, bibliotherapy involves the use of books and other carefully selected materials to help an individual recover from a mental disorder, such as depression, anxiety, overcoming an emotional problem or other life challenges.

**Keywords:** Bibliotherapy; Behavioral disorders; Mental Disorders.

## Lista de Siglas

ALA - *American Library Association*

BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

BRAPCI - Base de Dados em Ciência da Informação

CAPS - Centros de Atenção Psicossocial

CHPL – Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa

*DMS – 5* - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

GCH - Grupo de Contação de Histórias

HBDF - Hospital de Base do Distrito Federal

LILACS - Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

LISA - *Library & Information Science Abstracts*

OMS – Organização Mundial da saúde

SCIELO- *Scientific Electronic Library Online*

SPA- Substâncias psicoativas

UCCPO – Unidade Comunitária dos Cuidados Psiquiátricos de Odivelas

UFSC – Universidade federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2 JUSTIFICATIVA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA .....	14
3 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	18
3.1 OBJETIVO GERAL .....	18
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	18
4 REVISÃO DE LITERATURA .....	19
4.1 HISTÓRICO DA BIBLIOTERAPIA .....	19
4.2 BIBLIOTERAPIA CIÊNCIA OU ARTE?.....	24
4.3 ESTRUTURA CONCEITUAL DE BIBLIOTERAPIA.....	26
4.3.1 PRINCIPAIS FORMAS DE APLICABILIDADE DA BIBLIOTERAPIA .....	32
4.4 ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO NA ABORDAGEM DA BIBLIOTERAPIA ..	39
4.5 DEFINIÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS.....	41
4.6 OS BENEFÍCIOS DA BIBLIOTERAPIA NOS TRANSTORNOS MENTAIS .....	45
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	49
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	53
6.1 ANÁLISE DA LITERATURA .....	53
6.2 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS POR MEIO DA ENTREVISTA .....	62
7 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.....	64
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>67</b>
ANEXO .....	71
APÊNDICE A .....	73

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo elucidar a eficácia da contribuição da biblioterapia como tratamento alternativo para as pessoas com transtornos mentais, no campo da biblioteconomia. A motivação para a realização desse trabalho de pesquisa se deu pelo aumento de pessoas acometidas pelos transtornos mentais devido a fatores estressores que estão cada vez mais presentes na sociedade atual. Entende-se por transtornos mentais as alterações do funcionamento da mente que prejudicam a pessoa no convívio com a família e com outras pessoas devido a uma grande dificuldade em entender seus próprios conflitos.

De acordo com o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DMS-5* (2014, p. 20), um transtorno mental é: “uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional, ou no comportamento de um indivíduo”. Essa perturbação reflete de forma muito negativa na vida de quem sofre com um transtorno mental. O indivíduo se acha incapaz de realizar atividades sociais, a convivência familiar fica prejudicada, dificuldade em permanecer no trabalho, o que gera grande sofrimento e a pessoa tende ao isolamento.

Qualquer pessoa pode ser acometida por um transtorno mental em qualquer fase da vida, em qualquer lugar do mundo, não importando a idade, sexo ou nacionalidade. É o que diz o estudo realizado no Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Michigan, que “ao longo da vida, uma em cada duas pessoas deve desenvolver um transtorno psiquiátrico, ou seja, mais de 3 bilhões de pessoas” (CURY, 2013, p. 19). E, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), um dos transtornos mentais que mais afeta a humanidade é a depressão. São mais de 300 milhões de pessoas em todo mundo. É por esse motivo que existe uma crescente preocupação para com as pessoas que sofrem com transtornos mentais, pois na maioria das vezes esses pacientes são abandonados pela família por desacreditarem que se trata de uma patologia, mas que seja apenas um desvio de caráter. Por esse motivo, quando o caso é mais grave, leva o indivíduo a pensar em tirar sua própria vida. Torna-se necessário um olhar mais atento para essa população de doentes mentais, já que a saúde mental é indispensável para que o indivíduo se sinta bem com ele mesmo e perante a sociedade.

Na antiguidade o tratamento de pessoas com doença mental era feito por muitos métodos considerados desumanos, com a esperança de amenizar os sintomas. Eram muitos sofrimentos e nenhum resultado positivo era alcançado. Entretanto, nos dias atuais existe tratamento adequado para cada tipo de transtorno e, dependendo do caso, o tratamento

medicamentoso é necessário, pois é considerado um valioso instrumento da psiquiatria para o controle dos sintomas. Os remédios não oferecem a cura, mas ajudam a melhorar a qualidade de vida da pessoa com transtorno mental. Ao longo dos tempos, outras formas de tratamento foram sendo estudadas e desenvolvidas e, nos dias de hoje, existem terapias com psicólogos e terapeutas com uma boa taxa de sucesso nos mais diversos tipos de transtornos mentais. No entanto, “a cada dia surgem novas abordagens no lidar com o paciente de Saúde Mental” (BRASIL, 2018, p. 64).

Foi dentro desse contexto, que a biblioterapia se constituiu como uma contribuição significativa no tratamento de quem sofre com os transtornos mentais, pois, se utiliza de livros e outros materiais para auxiliar no tratamento, uma vez que, as doenças psiquiátricas causam tanto dor física como dor na alma. Mas, o que vem a ser biblioterapia? Biblioterapia é uma combinação de duas palavras: biblio e terapia. Nas palavras gregas “*Biblion e Therapia*”. A primeira está relacionada a “livro”. Enquanto *Therapia* significa “cura, remédio ou tratamento” (PEREIRA, 1996, p. 47).

Desde a antiguidade já se recorriam à leitura com o objetivo de aliviar o sofrimento dos doentes mentais. Já no século XVIII, alguns hospitais utilizavam a leitura como forma de recreação no intuito de melhorar o estado mental dos internos. A partir do século XX, a leitura já tinha seu valor terapêutico reconhecido pelos médicos em ambientes hospitalares e, portanto, era utilizada como coadjuvante no tratamento das doenças mentais, sendo utilizada como uma maneira de ajudar a facilitar o processo de tratamento funcionando como instrumento de mudança.

Como visto, a leitura já era utilizada de forma terapêutica, mas com o termo biblioterapia, somente em 1916 quando Samuel Mechord Crothers publicou um artigo no *Atlantic Monthly*. Nesse artigo, ele discutiu uma técnica que prescrevia livros a pacientes que precisavam de ajuda para entender seus problemas. Entretanto, o termo biblioterapia só foi definido em 1941, pelo Dicionário Médico *Dorland's Illustrated Medical Dictionary*, como sendo uma prescrição de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais. No entanto, a biblioterapia só passou a ser explorada depois que se consolidou como campo de pesquisa da pesquisadora Caroline Shrodes, em 1949, com a sua tese de doutorado intitulada *Biblioterapia: um estudo teórico experimental*. Através desse documento foi comprovado o valor terapêutico da leitura e como campo de pesquisa definiu as bases da biblioterapia que passou a ser utilizada por médicos, psicólogos, psiquiatras, bibliotecários e educadores, significando um grande avanço nesta área. Para Pinto (2005, p. 39), a biblioterapia “trata-se de uma vivência que se apoia em vários domínios e, portanto, multidisciplinar”.

No contexto contemporâneo, a biblioterapia é utilizada principalmente como coadjuvante da psicanálise. É frequentemente usada para apoiar as mais diversas formas de terapia, sendo apropriada para situações individuais ou em grupo. Utiliza-se de livros para auxiliar as pessoas a enfrentarem os desafios da vida ao se identificarem com os personagens dos livros. Por esse motivo é tão importante que os livros e outros materiais sejam cuidadosamente selecionados de acordo com os problemas que a pessoa esteja passando.

Nesse caso, cabe ao profissional bibliotecário selecionar o material apropriado para atender crianças, jovens e adultos a resolverem seus conflitos. Como afirma Hannigan (1932 apud PEREIRA, 1996, p. 40), “a biblioterapia é uma refinada aplicação das funções normais do bibliotecário como conselheiro do leitor”. Sobre essa citação é importante trazer para uma reflexão a contribuição de Leite (2009, p. 34): Ela diz que, para trabalhar com a biblioterapia o bibliotecário deve ter formação terapêutica para poder entender o problema que a pessoa está enfrentando e ainda ter “uma compreensão do caminho que este problema particular é tratado na seleção do livro prescrito; e a habilidade em formular hipóteses, que se refiram ao impacto que este material terá sobre a solução do problema do paciente”.

Cabe esclarecer que, esse conhecimento se faz necessário para se trabalhar com a população de doentes mentais, que é realizada pela biblioterapia clínica. No caso do bibliotecário não ter formação terapêutica ele poderá trabalhar com a biblioterapia de desenvolvimento que pode ser realizada na forma de atividades biblioterapêuticas. Essas atividades podem ser por meio da leitura, narração ou dramatização de uma história, que segundo Caldin (2009, p. 149), deve produzir “um efeito terapêutico ao moderar as emoções, permitir livre curso à imaginação e proporcionar a reflexão – seja pela catarse, identificação ou introspecção”. Assim, pode-se perceber que, ao longo da leitura, quem participa das atividades biblioterapêuticas, de certa forma, é levado a refletir sobre seus sentimentos, sendo esse um processo terapêutico, uma vez que, possibilita sua mudança interior.

O estudo é relevante na atualidade para o conhecimento científico em geral, pois de momento ainda não foram encontrados estudos recentes publicados nas bases de dados pesquisadas. O presente trabalho está organizado em sete capítulos. O primeiro capítulo apresenta a introdução, que descreve de forma sucinta o que vem a ser um transtorno mental e como a leitura terapêutica já tinha seu valor terapêutico antes mesmo de ser reconhecida como biblioterapia. O segundo capítulo foi destinado à justificativa e definição do problema, no qual explica a motivação para escrever sobre o referido tema. O terceiro capítulo coube aos objetivos: geral e específicos. São os objetivos que cumprem o papel de prestar informações ao leitor sobre o que se pretende atingir com a pesquisa.

No quarto capítulo foi descrita a revisão de literatura. Foram utilizados artigos científicos, teses e dissertações sobre a temática abordada neste estudo, bem como fundamentada em autores de referência tais como: Ouaknin e Caldin que defendem e argumentam positivamente sobre o uso da biblioterapia para fins terapêuticos.

No quinto capítulo foram apresentados os procedimentos metodológicos com alguns conceitos relevantes para a compreensão da metodologia escolhida a fim de responder à pesquisa sobre biblioterapia como uma contribuição significativa no tratamento dos transtornos mentais. No sexto capítulo foi relatada a apresentação e análise dos dados que é a etapa que traduz a essência deste trabalho de pesquisa. No último, sétimo capítulo, a discussão e conclusão, considerado o arremate final do trabalho.



## 2 JUSTIFICATIVA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Para o sociólogo Zygmunt Bauman (2001), a modernidade está dividida em duas fases: modernidade sólida e modernidade líquida. Segundo o autor, a modernidade surgiu no final do século XIII quando as sociedades europeias ocidentais começaram a se agrupar em centros urbanos caracterizados pela industrialização e pelo capitalismo. Essas sociedades entram na época da modernidade que o autor chama de sólida, que se mantinha de forma ordenada, previsível, racional e que, de certa forma, era considerada relativamente estável. Tendo como características: a organização das atividades e das instituições humanas e um relativo equilíbrio das estruturas sociais.

Ainda segundo Bauman (2013, p. 14), a sociedade atual está vivendo uma modernidade líquida, uma “civilização do excesso, da redundância, do dejetivo e do seu descarte”. Vive-se uma inconstância em todas as esferas da vida. Uma sociedade prejudicada pela fragilidade dos vínculos humanos. São muitas mudanças bruscas relacionadas às grandes transformações como o acelerado desenvolvimento científico e tecnológico. O que se tem no presente é: medo, insegurança e incerteza. A era moderna trouxe consigo uma desvalorização de tudo que parecia ser durável, permanente, como acontecia na modernidade sólida.

Em tempos líquidos as pessoas vivem para obedecer a lógica da manipulação do tempo. Uma corrida infundável em busca de prazeres efêmeros. Há pressa para viver a tão sonhada liberdade. No entanto, essa liberdade é ilusória e apressadamente se corre para um vazio, uma vez que, a mente e as emoções das pessoas estão cada vez mais aprisionadas. Para o autor: “o mundo tal como o conhecíamos, ou pensávamos conhecer, está saindo dos eixos. Está acelerando a cada dia e, em tempo real, a cada dia ficando menor. As antigas certezas desapareceram” (BAUMAN, 2007; 2013 p. 70). Ainda segundo Bauman (2001, p.155), o que impera nos dias atuais é a incerteza, que funciona como “uma poderosa força individualizadora. Ela divide, em vez de unir, e como não há maneira de dizer quem acordará no próximo dia em qual divisão, a ideia de “interesse comum” fica cada vez mais nebulosa e perde todo valor prático”.

Nesse sentido, segundo Bauman (2001), a incerteza passou a fazer parte do cotidiano das pessoas. Em um mundo líquido moderno não se tem mais garantia de absolutamente nada. Como diz Cury (2013, p. 21), “milhões de pessoas em todas as sociedades modernas cobram demais de si mesmas. Elas usam o pensamento não para se libertar, mas para se aprisionar e punir quando falham ou não correspondem a suas expectativas”.

Essas características da sociedade contemporânea colaboram para que um elevado número de pessoas desenvolva algum tipo de transtorno mental, como a ansiedade, depressão, síndrome do pânico, dependência química, transtornos alimentares, melancolia etc. Esses quadros de transtornos mentais são desvios de padrões de normalidade e estão cada vez mais vigentes na sociedade atual (MENEGÓCIO et al, 2019).

Na medicina, a palavra transtorno representa uma anormalidade, ou seja, quando uma função do corpo não está funcionando de forma adequada. No caso de um transtorno mental, essa alteração é na mente do indivíduo, que afeta o humor ou estado de ânimo, emoções, sentimentos, afeto e paixões. Nesse sentido, em um indivíduo com algum transtorno mental a tendência é sentir que está sendo um peso para a família, se acha inútil e fracassado, o que leva o sujeito ao isolamento. Não tem prazer na vida, e os pensamentos de ideação suicida são constantes (ROGRIGUES et al, 2011).

Diante deste cenário, muitos são os questionamentos que surgem na tentativa de tentar entender e, também, poder ajudar quem sofre com transtornos mentais. De acordo com Silva (2014), antigamente os transtornos mentais eram tratados de forma desumana. Sua eficácia era duvidosa e podia ser visto por meio do retorno dos pacientes que não demonstravam melhoras e viviam em sofrimento. Como descreve Gleitman; Fridlunrgd; Reisbe (2003, apud SILVA, 2016, p. 30): em alguns casos a tão esperada cura era pior que a própria doença. Eis um exemplo bastante primitivo: “(...) a trepanação, remoção de determinadas secções do crânio, prática pré-histórica que durou até à nossa era”. São citados também, outros procedimentos primitivos que, “consistiam numa inexorável sucessão de sangrias e purgantes, tudo na esperança de restaurar uma harmonia adequada entre os humores do corpo”. Outros exemplos de procedimentos considerados totalmente desumanos é o caso de Benjamin Rush (1745-1813), um dos signatários da Declaração da Independência e pai da psiquiatria americana, que mergulhava os pacientes “em água quente ou fria, mantendo-os perto de afogamento ou transformando-os em dispositivos especiais em velocidades que muitas vezes levavam à perda de consciência”.

Esses métodos foram pensados para restaurar o equilíbrio entre as funções corporais e mentais dos pacientes, mas como foi descrito acima esses procedimentos não tinham nenhuma eficácia, embora fossem do agrado do corpo médico do hospital, pois era uma forma de aterrorizar os pacientes internados, ajudando assim, a ‘manter a ordem’. Assim, ao longo do tempo, outras formas de tratamento para transtornos mentais que não fossem tão dolorosas e desumanas foram estudadas e desenvolvidas e, hoje, existem terapias com bom índice de sucesso em alguns tipos de transtornos psiquiátricos.

É dentro deste contexto que surge a biblioterapia, por ser uma prática que se utiliza da leitura terapêutica para amenizar ou até mesmo curar, dependendo da gravidade, pacientes com transtornos mentais de todas as faixas etárias (SILVA, 2014). Nesse sentido, a biblioterapia na área da psiquiatria serve como um valioso coadjuvante e contribui, de forma significativa, para melhorar a qualidade de vida desses pacientes (NASCIMENTO, 2007 apud MENEGÓCIO et al, 2019). Essa contribuição na área da psiquiatria já podia ser vista nos anos 30 quando a biblioterapia era utilizada em hospitais para doentes mentais para dar suporte a quem precisavam de informações sobre suas doenças e sobre suas implicações; o instrumento de terapia era a leitura didática usada por um grupo de médicos e bibliotecários (PEREIRA, 1996, p. 54).

Dada essa perspectiva, a biblioterapia beneficia quem sofre com os transtornos mentais, já que contribui de forma terapêutica para amenizar os sentimentos de angústia, tristeza, isolamento social, emoções abaladas, depressão, dependência química, síndrome do pânico, melancolia etc. No entanto, é preciso deixar claro que os resultados nem sempre se apresentam da mesma forma para todas as pessoas. Cada um tem suas particularidades. Cabe destacar que a biblioterapia não substitui o tratamento medicamentoso (RUDAKOFF, 2014; MENEGÓCIO et al, 2019).

Conforme os dizeres de Caldin (2009, p. 205), “[...] a biblioterapia em instante algum reivindicava o estatuto de ciência e tampouco dispensa os cuidados médicos ou despreza indicações medicamentosas”. Segundo a autora “a preocupação é com a pessoa e não com a doença, com o bem-estar e não com a nosologia”. Já como arte, “vale-se da expressão artística em forma de texto escrito ou oralizado, música e dança, atrelando voz e corpo”, ou seja, “linguagem e corporeidade em exercícios terapêuticos que proporcionem o balanço necessário entre a sensorialidade, afetividade, criatividade, intercorporeidade e intersubjetividade”. Neste caso, “a percepção, os sentimentos e a imaginação se movimentam como figuras no fundo encantatório oferecido pela literatura que a biblioterapia explora como potencialmente terapêutica”.

Portanto, a biblioterapia dentro desse contexto, deve ser vista como uma técnica que exige acompanhamento de um profissional especializado. No caso de o bibliotecário não ter formação terapêutica, poderá trabalhar de forma conjunta com outros profissionais como: psicólogos, psiquiatras, pedagogos e terapeutas (PINTO, 2005). Para que esse profissional desenvolva essa técnica é necessário “demonstrar empatia, interesse e preocupação com o bem-estar do outro, saber escutar os problemas alheios e ser flexível no programa de

atividades que planejou”, ou seja, “sem flexibilização no planejamento das atividades, não tem como contemplar os gostos de todos os envolvidos no programa”. E preciso também, “ter estabilidade emocional, boa saúde física, bom caráter, domínio de textos literários e embasamentos teóricos”. Para esta autora esses são os “pré-requisitos para o aplicador de biblioterapia que em momento algum se intitula terapeuta” (CALDIN, 2009, p. 57).

Sendo relevante este estudo, pois, pessoas com transtornos mentais se sentem mais acolhidas quando são acompanhadas por profissionais qualificados para orientação de qual leitura será mais adequada. De fato, a biblioterapia consegue ajudar esses tipos de pacientes com casos leves e moderados. Embora os resultados possam não ser imediatos, a leitura beneficia o corpo e a mente (MENEGÓCIO et al, 2019).

Partindo desse pressuposto, foi elaborada a seguinte pergunta norteadora: como a prática da biblioterapia pode beneficiar os indivíduos que sofrem com algum tipo de transtorno mental decorrente dos problemas sociais enfrentados na sociedade atual?

### **3 OBJETIVOS DA PESQUISA**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Investigar como a biblioterapia pode beneficiar quem sofre com transtornos mentais.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- estudar os conceitos e definição de biblioterapia;
- inventariar as principais formas de aplicação da biblioterapia;
- pesquisar as práticas biblioterapêuticas e sua contribuição na melhoria da qualidade de vida das pessoas com transtornos mentais.

## 4 REVISÃO DE LITERATURA

A identificação das fontes bibliográficas foi realizada nas bases de dados BRAPCI (Base de Dados em Ciência da Informação) e SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*), utilizando-se os termos: Biblioterapia, Transtornos Mentais e Transtornos Comportamentais e foram identificados 356 documentos. Foram pesquisadas, também, as bases de dados LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e a BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações) utilizando-se os termos: Biblioterapia e Transtornos Comportamentais e foram identificados 185 documentos.

Ampliando o campo de pesquisa, foi consultada a base de dados LISA (*Library & Information Science Abstracts*) e o Repositório Institucional da UFSC, por ser a primeira universidade brasileira a incluir uma disciplina sobre biblioterapia, utilizando-se os termos: Biblioterapia e Transtornos Mentais e foram identificados 52 documentos. Portanto, na literatura brasileira foram identificados 593 documentos.

Para tal, abordou-se o contexto de uma pesquisa caracterizada por uma revisão sistemática da literatura. A vantagem desse tipo de revisão é permitir que os autores possam discutir o tema proposto dentro de um ponto de vista mais pessoal. Permitindo uma maior liberdade na coleta de informações sem seguir normas restritas. Sendo um método de síntese de evidências que avalia criticamente e interpretam todas as pesquisas relevantes disponíveis para uma questão particular, área do conhecimento ou fenômeno de interesse (FELIZARDO et al, 2017).

Nessa perspectiva, para a revisão da literatura, foram utilizados artigos científicos como teses e dissertações sobre a temática abordada neste estudo, bem como fundamentada em autores de referências tais como: Ouaknin e Caldin que afirmam positivamente quanto ao uso da biblioterapia para fins terapêuticos.

### 4.1 HISTÓRICO DA BIBLIOTERAPIA

A biblioterapia, uma novidade? Nem um pouco! Quanto mais longe remontarmos na História, mais encontraremos esta intuição da virtude terapêutica do livro e da narrativa. Talvez algum dia não haja mais literatura, mas, somente medicina (OUAKNIN, 1996, p. 27).

A preocupação com a origem da biblioterapia existe desde os tempos mais remotos. No entanto, muitas são as discussões sobre a sua origem. O que se sabe é que esse termo

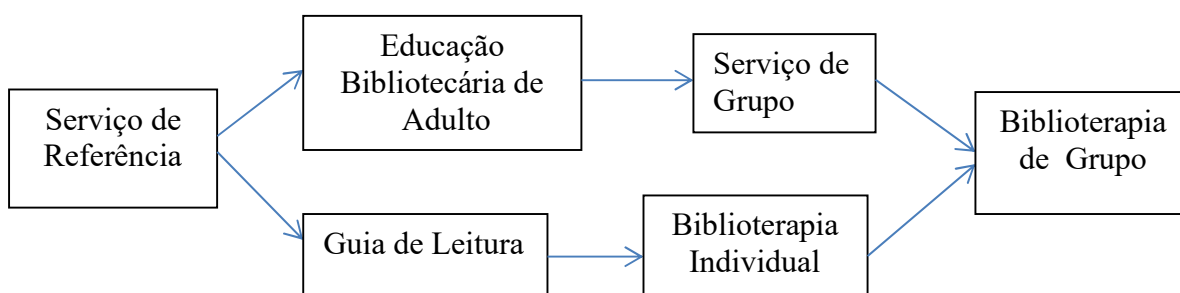
surgiu na América do Norte em meados do século XIX, em trabalho relacionando biblioteca e ação terapêutica (PEREIRA, 1996).

Entretanto, segundo Seitz (2006), desde a antiguidade a leitura já era utilizada com objetivo terapêutico. No antigo Egito, o Faraó Ramsés II colocou no frontispício de sua biblioteca a seguinte frase: “Remédios para a alma” reconhecendo assim que os livros tinham seu valor terapêutico. Já na biblioteca da Abadia São Gall tinha a inscrição: “Tesouros do remédio da alma”. Os gregos também utilizavam os livros ao associá-los ao tratamento médico e espiritual, pois reconheciam que suas bibliotecas eram como a “Medicina da alma”. Em 1972, o Hospital El Mansur “recomendava a leitura de trechos do Alcorão como parte do tratamento médico” (CASTRO; PINHEIRO, 2005 apud LEITE 2019, p. 21).

No final do século XVIII, na França, Itália e Inglaterra os livros já eram utilizados como tratamento para doenças mentais. Em 1815, o médico norte americano Benjamin Rusch, já indicava a leitura de forma terapêutica para auxiliar as pessoas com depressão, fobias, medos e conflitos. Essa indicação era feita como um apoio à psicoterapia (LEITE, 2019; ALVES, 1982). Já no século XIX, a leitura já tinha seu valor terapêutico reconhecido pelos médicos em ambientes hospitalares e dentro da psiquiatria entre 1802 a 1853 e, portanto, era utilizada como coadjuvante no tratamento das doenças mentais (PEREIRA, 1996).

Ainda no século XIX, um passo maior foi alcançado pelas bibliotecas tornando-se profissionalizante e especializada. É o início da origem da biblioterapia dentro da biblioteconomia (PEREIRA, 1996), conforme explica a figura 1:

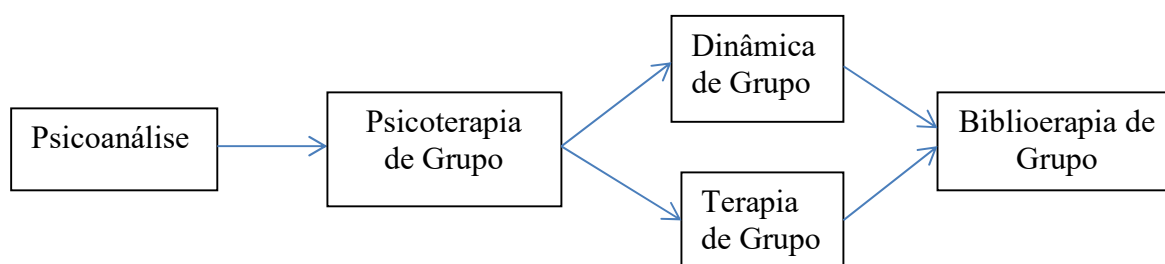
Figura 1- Origem da Biblioterapia na Biblioteconomia



Fonte: elaboração própria a partir de Pereira (1996 apud SILVA, 2014 p. 50); Silva, (2014, p. 54).

De acordo com Pereira (1996), a terapia em grupo surgiu após a Segunda Guerra Mundial, e como consequência trouxe muitas mudanças e foi preciso expandir as terapias individuais, já que, não eram suficientes para dar conta da quantidade de novos pacientes no pós-guerra. Portanto, foi por meio da terapia em grupo que a biblioterapia surgiu no campo da psicologia conforme mostra a figura 2.

Figura 2 – Origem da Biblioterapia em Grupo na Psicologia



Fonte: elaboração própria a partir de Silva, (2014, p. 54).

Quanto ao serviço de referência, quem iniciou esse trabalho foi Justin Winson, um funcionário da Harvard University, em 1877, ao abrir as portas da biblioteca e permitir que os alunos tivessem acesso às prateleiras de livros (PEREIRA, 1996).

De acordo com Silva (2014), esse serviço de referência e de aconselhamento ao leitor prosperou e se disseminou nas bibliotecas:

Em 1883 a Boston Public Library, que era a maior Biblioteca Pública da época, tinha um cargo de assistente em tempo integral. Ao mesmo tempo, Melville Dewey, no Columbia College, estava tentando adotar a ideia da Biblioteca Moderna de ajuda aos leitores (PEREIRA, 1996 apud SILVA, 2014, p. 51).

Somente no ano de 1904, a biblioterapia passa a se constituir como um ramo da biblioteconomia. Esse grande passo só foi possível devido a uma brilhante ideia de uma bibliotecária que resolve fazer uso da leitura terapêutica como experiência própria ao assumir a direção de uma biblioteca hospitalar, em Massachusetts nos Estados Unidos. Essa prática prosperou “durante a primeira guerra mundial, quando bibliotecários leigos, notadamente da cruz vermelha, ajudaram a construir rapidamente bibliotecas nos hospitais do exército” (PEREIRA, 1996, p. 38).

Uma das primeiras pessoas a descrever o termo "biblioterapia" foi Samuel Mechord Crothers, em 1916. Ele discutiu uma técnica de prescrever livros a pacientes que precisavam



de ajuda para entender seus problemas em um artigo publicado no *Atlantic Monthly*. Essa técnica ele denominou de biblioterapia. A partir daí passou a ser utilizada para fins terapêuticos por profissionais da área de saúde mental que se valiam das histórias dos livros para auxiliar na promoção do pensamento reflexivo do cliente/ paciente (RUDAKOFF, 2014; PEREIRA, 1996). Entretanto, o termo biblioterapia, só foi definido em 1941 pelo Dicionário Médico "*Dorland's Illustrated Medical Dictionary*" como "o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais" (ALVES, 1982, p. 55). De acordo com Seixas (2010), a biblioterapia começou a ser usada em hospitais e outros estabelecimentos de saúde, e passou a ser objeto de estudos publicados em revistas médicas.

Segundo Pereira (1996, p. 40), “a verdadeira frase ‘serviço de referência’ foi primeiro usada para substituir ‘ajuda aos leitores’ e ‘assistência aos leitores’ em 1891, no *Library Journal*”. O serviço de referência difundiu-se para a Biblioteca Pública de Detroit e suas filiais por volta de 1900. Já nos anos “20 e 30, o aconselhamento a leitores vinha à frente da Biblioteconomia”. Para Fonseca (2014), foi a partir da década de 1930 que a biblioterapia passou a ser consolidada como campo de pesquisa. Foi nesse mesmo período que, se destacaram “as biblioterapeutas Isabel Du Boir e Emma T. Foremam, principalmente esta última, que insistiu para que a Biblioterapia fosse vista e estudada como ciência e não como arte” (CRUZ, 1995 apud SEITZ, 2000, p. 23).

No final dos anos 1940, Abraham Flexner começou a desenvolver programas de leitura para grupos diversificados, no nível local e nacional. Esses programas utilizavam listas de leituras destinadas aos adultos em liberdade condicional. “Muitos dos serviços de aconselhamento ao leitor nos anos 40, foram integrados ao Departamento de Educação de Adultos das Bibliotecas Públicas” (PEREIRA, 1996, p. 40). O programa de grandes livros, desenvolvido na Universidade de Chicago, em 1945, é um dos exemplos mais conhecidos da educação de adultos nos anos 1940. “Esse programa de discussão baseava-se em livros oriundos do desenvolvimento da leitura orientada terapeuticamente, que era o serviço chamado de Biblioterapia” (PEREIRA, 1996, p. 40).

Entretanto, somente em 1949 a pesquisadora Caroline Shrodes se destacou ao defender sua tese de doutorado intitulada “*Biblioterapia: um estudo teórico experimental*” obtendo título de Doutora em Filosofia e Educação na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Teve seu trabalho reconhecido entre os diversos autores da área por definir as bases da biblioterapia, comprovando que a leitura poderia ser utilizada como um recurso terapêutico. Posteriormente, nas décadas de 40 e 90 a biblioterapia passou a ser explorada por médicos,

psicólogos, bibliotecários e educadores significando um grande avanço nesta área. (PEREIRA, 1996).

Esse avanço contribuiu para que em meados dos anos 1980 e 1990 novos métodos e pesquisas surgissem para assegurar a eficácia entre os usuários. No entanto, a biblioterapia era aplicada apenas de forma corretiva, por se tratar de uma prática utilizada somente em ambientes hospitalares. O olhar estava voltado para a parte clínica no intuito de recuperar ou até mesmo curar os pacientes com graves distúrbios emocionais e comportamentais. Nesse sentido, a biblioterapia era considerada uma prática eficaz para amenizar quadros de saúde mental e física, proporcionando momentos de alívio e conforto nos conflitos do dia a dia (FONSECA, 2014).

Como relata Caldin (2001), ao mencionar a pesquisadora da área, Maria Stela Orsini, em 1982, ao elaborar o artigo: *O uso da literatura para fins terapêuticos* observou que:

[...] na América do Norte, desde 1815 é recomendada a leitura em hospitais como parte do tratamento de pacientes. Considerou a biblioterapia como um modo de comunicação e fez referência ao uso de livros como recurso terapêutico não só em medicina e psiquiatria, como também como auxílio na solução de problemas pessoais por meio de leituras dirigidas (CALDIN, 2001, p. 67).

A biblioterapia ao longo dos anos cresceu e se diversificou para atender às mudanças e as reais necessidades psicossociais da sociedade moderna. Atualmente, a biblioterapia como atividade biblioterapêutica é amplamente utilizada não só em bibliotecas e hospitais, mas também em prisões, asilos, para tratar crianças, jovens, adultos, deficientes físicos, doentes crônicos e viciados com problemas psicológicos (PEREIRA, 1996).

No entanto, de acordo com Seixas (2010), a biblioterapia apesar de ser considerada uma disciplina da biblioteconomia, é pouco difundida não só no Brasil como no mundo inteiro. Em nenhum lugar não há certificado e nem associação de biblioterapeutas. Por trabalhar de forma interdisciplinar muitas exigências são feitas para compor uma formação.

Entretanto, de acordo com Sousa (2018, p. 367), “uma iniciativa pioneira que vem contribuindo para ampliar a difusão da temática no Brasil especialmente no âmbito da Biblioteconomia”, é a inclusão da biblioterapia como uma disciplina no curso de graduação de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ministrada pela professora Clarice Fortkamp Caldin, desde 2003. Não é uma disciplina obrigatória e possui uma carga horária de 36 horas/aula.

Na teoria, a disciplina conceitua e apresenta o fundamento filosófico da Biblioterapia, apontando seus objetivos e aplicações, bem como o método biblioterapêutico. Tem como

objetivo geral: “capacitar o acadêmico a utilizar a leitura como atividade biblioterapêutica” e como objetivos específicos “apreender o sentido do vocábulo biblioterapia; conhecer o histórico, o fundamento filosófico, as finalidades, aplicações e técnicas da biblioterapia”. Na prática, o aluno deve “executar atividades biblioterapêuticas em diversas instituições com público de qualquer faixa-etária como avaliação final” (CALDIN, 2001, apud GARCIA, 2015 p. 56).

Outro avanço é o Projeto de Lei 4186/12 (em anexo), do deputado Giovani Cherini (PDT-RS), no qual a Câmara analisa uma proposta que estabelece o uso da biblioterapia, ou seja, a “terapia por meio da leitura”, nos hospitais públicos e naqueles contratados ou conveniados pelo Sistema Único de Saúde (SUS). O deputado se posiciona dizendo que, esse tipo de terapia é usado desde a Idade Antiga e que hoje em dia vem crescendo e vem sendo desenvolvida de forma interdisciplinar com a participação de vários profissionais como bibliotecários, psicólogos e médicos. Ele acrescenta que são as regiões Sul e Nordeste onde o índice de aplicabilidade é maior. Conforme Cherini, “esse tipo de técnica humaniza o ambiente hospitalar e ameniza até 80% dos sintomas sentidos pelos pacientes, a depender da doença” (Fonte: Agência Câmara de Notícias).

#### 4.2 BIBLIOTERAPIA CIÊNCIA OU ARTE?

Pereira (1996) cita Alice Brayn quando publicou um artigo, em 1939, com o tema: *Pode haver uma ciência da Biblioterapia?* Ela mesma respondeu à própria pergunta afirmando que sim, que poderia haver ciência, mas que o campo precisava de um corpo de dados de pesquisadores que fossem cientificamente treinados para que pudesse ser definitivamente considerada uma ciência.

Entretanto, a pesquisa mostra que somente dez anos depois, em 1949 a biblioterapia foi discutida cientificamente comprovando seu valor terapêutico pela pesquisadora Caroline Shrodes, em sua tese de doutorado intitulada *“Biblioterapia: um estudo teórico experimental”*. Vários estudos foram realizados, e aproximadamente 401 artigos foram publicados em periódicos considerados científicos que confirmava a consolidação da biblioterapia. No entanto, as discussões em torno da biblioterapia ser uma ciência ou arte continua em pauta (GARCIA, 2014).

Como visto, sempre existiu uma preocupação em saber se a biblioterapia é uma ciência ou arte. A esse respeito Pereira (1996) apresenta uma maneira muito simples para entender esse questionamento. Ela afirma o seguinte: é preciso apenas separar o conceito de

biblioterapia em duas partes. A primeira **biblio** se refere a uma ciência e a segunda **terapia** como uma arte. Horne (1975 apud PEREIRA, 1996, p. 55) também afirma que a biblioterapia tanto pode ser uma ciência como uma arte. A esse respeito ele discorre:

[...] a prescrição de leitura no tratamento de doença mental ou doença física pode ser vista como a ciência da Biblioterapia é onde se tenta remediar defeitos pessoais de ajudar indivíduos a resolver problemas pessoais através de sugestões de leitura própria através da bibliotecária ou outro indivíduo, de fora do campo médico, pode ser visto como arte da Biblioterapia.

Rosa (2006 apud GUEDES; BAPTISTA, 2013, p. 237) classifica a variação da Biblioterapia como arte ou ciência. “A aplicação como arte seria a utilização de tal para cura com profissionais que não são ligados à área médica” na qual é feita uma seleção de livros para autoajuda para beneficiar os indivíduos. Já a aplicação como ciência deve ser feita sob a orientação de um profissional da saúde com foco no tratamento de problemas emocionais.

Já Hasse (2004 apud GUEDES; BAPTISTA, 2013, p. 237) “considera a Biblioterapia praticada por terapeuta como uma ciência, já a praticada por bibliotecários como uma arte, ou seja, a atividade realizada por bibliotecário não tem competência terapêutica”.

Para muitos estudiosos o problema não está em reconhecer se a biblioterapia é uma ciência ou arte, conforme afirma Beatty (1962 apud PEREIRA, 1996, p. 54): “A leitura é importante não importando se é identificada como uma ‘arte’ ou como uma ‘ciência’”. A esse respeito Pereira (1996, p. 33) corrobora dizendo que, ao se fazer uma revisão da história da biblioterapia pode se perceber que a leitura é considerada fundamental não importando se ela identificada como arte ou ciência, pois “se os biblioterapeutas, no futuro, praticarem profissionalmente a biblioterapia e fizerem estudos detalhados e conscientes sobre seus livros, usando sua imaginação e senso crítico, a biblioterapia certamente irá prosperar para o bem de todos os envolvidos”.

Dentro desse contexto, é importante colocar aqui o ponto de vista de um psiquiatra ao responder um questionário dizendo que: “o problema não é simplesmente definir o que a biblioterapia é, mas fornecer uma abordagem mais criativa para reconhecer as necessidades existentes e conduzir tipos de biblioterapia que sirvam a essas necessidades” (PEREIRA, 1996, p. 55). No entanto, alguns autores consideram a biblioterapia apenas como uma arte, como é o caso de Buonocore (1976 apud PEREIRA, 1996, p. 52) que afirma em seu *Dicionário de Bibliotecologia* que a biblioterapia é “arte de curar as enfermidades por meio da leitura”.

Já Caldin (2001b, p. 67) ressalta que:

Biblioterapia não pode ainda ser considerada uma ciência médica, posto que não possui um corpo de pesquisadores treinados nem uma teoria firmemente estruturada. Constitui-se numa atividade interdisciplinar, podendo ser desenvolvida em parceria com a Literatura, a Biblioteconomia, a Educação, a Medicina, a Psicologia, e a Enfermagem. Tal interdisciplinaridade, entretanto, confere-lhe um lugar de destaque no cenário dos estudos culturais.

Quanto à biblioterapia ser Arte ou Ciência, eis aí uma dúvida que vai continuar sendo colocada em meio às pesquisas e que ainda não pode ser respondida. Como arte ou ciência o importante é reconhecer que a biblioterapia vai muito mais além do que selecionar livros e outros materiais. Portanto, muito mais do que compreender seu processo histórico, torna-se necessário conhecer os mais variados conceitos que a biblioterapia vem recebendo desde o seu surgimento.

### 4.3 ESTRUTURA CONCEITUAL DE BIBLIOTERAPIA

De acordo com Leite (2019), analisando o contexto histórico da biblioterapia e diante de várias iniciativas de trabalho e pesquisas dentro da área de biblioteconomia e em outras áreas do conhecimento, muitas definições foram surgindo. Nesse sentido, destaca-se o comentário de Orsini (1982 apud LEITE, 2019, p. 26) a respeito do conceito de biblioterapia:

O conceito de biblioterapia é tanto velho quanto novo. Na medida em que o valor terapêutico da leitura foi reconhecido desde tempos remotos, podemos considerá-lo como velho. Por outro lado, é novo, já que tentativas foram feitas para formular uma base teórica para o conceito, visando à criação de uma técnica. Isso equivale a dizer que, apesar da ideia ter sido reconhecida há tempos, o conceito só foi formalmente identificado no século atual.

Antes de elencar os diversos conceitos de biblioterapia se faz necessário apresentar sua raiz etimológica. A palavra biblioterapia é uma combinação de: biblio e terapia. Nas palavras gregas “*Biblion* e *Therapia*”. A primeira está relacionada a “livro”. Enquanto *Therapia* significa “cura, remédio ou tratamento” (PEREIRA, 1996, p. 47). A união dessas duas palavras deu origem ao termo biblioterapia. Nesse sentido, de acordo com a etimologia da palavra, biblioterapia significa “terapia por meio de livros”. A esse respeito cabe aqui a explicação de Cadin (2010, p. 12) sobre o significado de biblioterapia, partindo de sua raiz etimológica, ‘terapia por meio do livro’ com capacidade terapêutica remonta às antigas civilizações egípcia, grega e romana “que consideravam suas bibliotecas um espaço sagrado,

repositório de textos cuja leitura possibilitaria um alívio das enfermidades e, assim, medicina e literatura sempre foram parceiras no cuidado com o ser”.

É importante esclarecer, que a palavra terapia proveniente da palavra biblioterapia vem do grego *therapia*, que nada tem a ver com medicina. Na verdade, ela “tem o sentido de velar pelo próprio ser”. Já a palavra terapia ligada à medicina, vem do grego *iatriké*, “que significa cuidar do próprio corpo” (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p. 400).

Nesse sentido, Caldin, (2010, p. 38) explica da seguinte maneira: quando a palavra “terapia for considerada uma prestação de serviço, cuja preocupação é o ‘cuidado com o ser’, outras formas de conhecimento são igualmente válidas: a sensação, a percepção, a imaginação, a memória, a linguagem, o raciocínio e a intuição intelectual”. Ainda de acordo a autora, essas modalidades de conhecimento “permitem que qualquer pessoa, dotada de sensibilidade, pleno gozo das suas faculdades mentais e boa vontade, arvore-se em ouvinte atento, sempre disposto a ouvir os problemas alheios, a conversar com eles, fornecendo, assim, a certeza de que não estamos sozinhos no mundo da vida”.

Já para Ouaknin (1996), a palavra terapia, não importa se no grego ou hebraico, sempre terá uma atitude preventiva. Lembrando que os filósofos foram considerados os primeiros terapeutas. Eles não cuidavam apenas do corpo, mas, também do espírito. Ainda segundo o autor: “o papel do terapeuta é cuidar do ser, isso é, essencialmente, cuidar da liberdade e da abertura que provoca uma linguagem em movimento”. Para ele, “o terapeuta deve assim ‘desfazer’ não somente os nós da alma, que são um entrave à vida e à inteligência criadora, mas também os ‘nós da linguagem’, palavras encerradas na prisão de um sentido único” (OUAKNIN, 1996, p. 21).

Sobre o ato de cuidar Carvalho (2004 apud CALDIN, 2009, p. 52) esclarece:

[...] cuidar envolve atos humanos no processo de assistir a pessoa, dotado de sentimento e fundamentado em conhecimento e, ainda, “cuidar envolve relacionamento interpessoal que é originado no sentimento de ajuda e de confiança, de empatia mútua” e “desenvolve-se com base em valores humanísticos e em conhecimento técnico-científico”.

Nesse sentido, o uso da leitura terapêutica existe desde a antiguidade. E, somente em 1941 foi estabelecida a primeira definição da palavra biblioterapia no dicionário *Dorland's Illustrated Medicinal Dictionary* como sendo “o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais” (ALVES, 1982, p. 55).

Caldin (2001, p. 34) reúne alguns conceitos de autores relatados por Caroline Shrodes (1949), conforme sintetizado no quadro 1:

Quadro 1 – Síntese de conceitos de biblioterapia

<b>Autor</b>	<b>Definição</b>
Alice Brayn	prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental
L.H. Tweffort	um método subsidiário da psicoterapia; um auxílio no tratamento que, através da leitura, busca a aquisição de um conhecimento melhor de si mesmo e das reações dos outros, resultando em um melhor ajustamento à vida
Kenneth	o uso de livros, artigos e panfletos como coadjuvantes no tratamento psiquiátrico

Fonte: elaboração própria a partir de Caldin (2001a, p. 34).

Ainda segundo Caldin (2001a, p. 34), Caroline Shrodes já desenvolvia estudos sobre a aplicação da literatura com fins terapêuticos desde 1943. Em 1949, baseando sua tese nos autores acima citados e outros, formulou o conceito de biblioterapia como sendo “um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo”.

Já em 1961, o *Webster's Third New International Dictionary*, um dicionário não especializado, definiu a biblioterapia como “uso de leitura selecionada como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia” e como “guia na solução de problemas penais através da leitura dirigida” (PEREIRA, 1996, p. 52).

A Associação das Bibliotecas de Instituições e Hospitais dos Estados Unidos (MOOD; LIMPER, 1973 apud CALDIN, 2001a, p. 35), adotou como definições de biblioterapia: “a utilização de materiais de leitura selecionados como coadjuvante terapêutico na medicina e na psiquiatria; a orientação na solução de problemas pessoais por meio da leitura dirigida; o tratamento do mal ajustado para promover sua recuperação à sociedade”.

Para Orsini (1982 apud CALDIN, 2001a, p. 35), a biblioterapia é “uma técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais”. Ainda segundo o autor (1982) a biblioterapia é:

Uma atividade de lazer com propriedades terapêuticas que podem ser utilizadas para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de males e de problemas pessoais, visando o equilíbrio emocional, uma vez que ocorre uma fuga, uma evasão, isto é, a criação de um universo independente da rotina quotidiana. Nessa escapada, há como que um mergulho em um mundo cheio de aventura, romance, fantasia etc. (ORSINI, 1982 apud FONSECA, 2014, p. 7).

Vale ressaltar que, os conceitos até aqui expostos dizem respeito ao surgimento do termo biblioterapia e do seu nascimento dentro dos hospitais e, portanto, muitos estudiosos

associam-na “à saúde mental, ajustamento pessoal e social, resolução de conflitos internos, exteriorização dos problemas íntimos e consideram-na como coadjuvante terapêutico na medicina e na psiquiatria” (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p. 400).

Para Ouaknin (1996, p. 16) "a leitura é primeiramente um acontecimento solitário, um encontro privado com outro mundo, sozinho com o livro, sozinho consigo mesmo". Nesse sentido, a leitura é um encontro entre o autor e o livro. O leitor tem a possibilidade de dialogar com autores de diversos lugares e épocas diferentes, abrindo espaço para as diversas interpretações, ou seja, mesmo não tendo outra pessoa para intermediar, ainda assim, a leitura não deixa de ser uma conversa.

Conforme explica Seitz (2006, p. 39) é através do ato de ler que se tem a possibilidade de dialogar “para além do tempo e do espaço, é o alojamento do mundo para além dos limites de nosso quarto, mesmo sem sairmos de casa, é a exploração de experiências às mais variadas, quando não podemos viver realmente”. E, ainda mais, “é por meio da leitura, num ato aparentemente solitário”, que se pode “dialogar com meios sociais e geográficos muito distantes do nosso, podemos dialogar com passados remotos e vivenciar experiências de outros momentos históricos”.

Para Ouaknin (1996) a leitura solitária tem seu potencial terapêutico, no entanto, o autor também defende a leitura coletiva que pode ser realizada de forma pública onde, “homens, mulheres e crianças se reúnem para ouvir um contador, um narrador, ou para seguir um grupo de leitura, cada um com seu livro, trocando impressões e comentários”. Complementando, o autor argumenta que a leitura coletiva é o “encontro em torno do livro para ouvir mitos e lendas, palavras fundadoras de identidade coletiva e individual” (OUAKNIN, 1996, p. 18).

Já para Caldin (2009, p. 11), quando a leitura é realizada em grupo se torna muito mais efetiva, por se tornar uma “prática solidária que mescla intersubjetividade, intercorporeidade, descentramento, e é complementada pela imaginação, pelas expectativas e pelas lembranças de todos os que tomam parte nessa atividade” (CALDIN, 2009, p. 11).

Nesse sentido, a biblioterapia como leitura orientada favorece a interação entre as pessoas, “levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o homem não está mais solitário para resolver seus problemas, ele os partilha com seus semelhantes, em uma troca de experiências e valores” (CALDIN, 2001, p. 8). Segundo Pereira (1996, p. 64), “a leitura reflete as experiências humanas de todas as épocas e lugares, e, portanto, dá acesso aos registros de vida, atitudes e sentimentos”. Conforme a



autora, “vários mecanismos são postos em funcionamento quando existe uma interação entre um leitor e um livro” (PEREIRA, 1996, p. 64).

Sousa (2018) considera a interação, um elemento muito importante na prática da Biblioterapia, sendo o diálogo uma das formas de interação mais utilizada nas atividades biblioterapêuticas, uma vez que, “acontece com frequência que a palavra do outro, ativa o nosso universo psíquico e nos transmite emoções que sentimos em nós mesmos” (OUAKNIN, 1996, p. 15).

Como diz Caldin (2001a, p. 37): “a linguagem em movimento, o diálogo, é o fundamento da biblioterapia. O pluralismo interpretativo dos comentários aos textos deixa claro que cada um pode manifestar sua verdade e ter sua visão do mundo”, pois, “no diálogo biblioterapêutico é o texto que abre espaço para os comentários e interpretações que propõem uma escolha de pensamento e de comportamento”. Para a autora “abre-se o diálogo e dele participa quem sentir o desejo ou a necessidade de partilhar as angústias semelhantes às das personagens ou os sucessos obtidos por estratégias parecidas às das mesmas” (CALDIN, 2010, p. 163).

Ainda segundo a autora, o texto assume o papel do terapeuta que contempla não só a leitura, mas também tudo que envolve a dinâmica do contato do livro com o leitor como: os comentários adicionais, os gestos, as expressões faciais, são considerados terapêuticos, ao fornecer garantia de que, as pessoas que estão passando por problemas, não se sentirão mais sozinhas. A autora reforça que: “por meio da linguagem, do diálogo, manifestamos nossas sensações ao outro. A fala tanto pode expressar amor quanto ódio; pode curar e pode ferir. Na biblioterapia existe a preocupação em utilizar a fala de modo a visar o bem e o bom” (CALDIN, 2009, p. 54).

Destarte, os benefícios relatados podem ser adquiridos ao longo da leitura, um processo que leva o leitor a refletir sobre seus próprios sentimentos e emoções. Essa reflexão possibilita uma mudança no comportamento, que só acontece quando a leitura é feita de forma terapêutica. Dentro da biblioterapia, esse processo se dá de forma mais intensa, uma vez que, “não basta ler, narrar ou dramatizar um texto (isso é feito na hora do conto); a Biblioterapia vai além, prioriza ouvir o novo texto que foi criado por cada um dos envolvidos na sessão de leitura” (CALDIN, 2010, p. 15). Para Ouaknin (1996, p. 106), “as histórias lidas são variações propostas à imaginação do leitor para operar uma mudança de direção da trajetória inicial de sua história”.

Levando em consideração todos os aspectos que envolve a leitura terapêutica Caldin (2001a, p. 36) baseando seus estudos na tese de Caroline Shrodes, define a biblioterapia como

sendo uma “leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios”. Dessa forma, ainda segundo a autora, ao partilhar seus problemas com outras pessoas acontece uma troca de experiências e valores e a pessoa não se sente mais sozinha.

Entretanto, diante das novas concepções modernas acerca da leitura, das quais se destaca a biblioterapia que, para Pinto (2005, p. 39), foi ampliada para além de terapia por meio de livros, por entender que a biblioterapia utiliza-se de outras ferramentas como, por exemplo, dos “textos não verbais (jogos, imagens, música)”. Nesse sentido, para a autora a biblioterapia “trata-se de uma vivência que se apoia em vários domínios e, portanto, multidisciplinar”.

Dentro dessa concepção a biblioterapia passou a ser entendida como:

[...] práticas leitoras que utilizam textos verbais e não verbais como coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por doenças físicas ou mentais ou ainda que enfrentam momentos de crise ou de dificuldades – exclusão, integração social, afastamento do convívio familiar, de comunicação e etc. a fim de que os sujeitos possam sentir prazer com o texto e assim encontrem respostas para a catarse de seus conflitos, sejam eles físicos mentais ou psicossociais (BENTES PINTO, 1995 et al apud PINTO, 2005, p. 39).

Por entender a leitura como uma função terapêutica e utilizando-se de outras definições como base, Seitz (2006, p. 158) define a biblioterapia como sendo “um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais e leituras planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob orientação médica para problemas emocionais e de comportamento”. No entanto, é um bibliotecário treinado que irá realizar essas atividades desde que sejam observados os seguintes fatores: “os relacionamentos estabelecidos, as respostas e as reações do paciente e, a entrega do relatório ao médico para interpretação, avaliação e direção do acompanhamento”. Maltez (2011 apud GARCIA, 2014, p. 35) diz que os diversos conceitos formulados ao longo do tempo sobre biblioterapia,

[...] todos sempre levam em consideração e têm por base quatro elementos essenciais: o livro como ferramenta de trabalho, o paciente com algum problema, o terapeuta para a realização da terapia e o processo metodológico que é o modo pelo qual acontece a terapia; em suma é como se esses fossem os pilares essenciais para o desenvolvimento da biblioterapia.

A American Library Association - ALA (2014 apud GARCIA, 2014, p. 35) define biblioterapia como “o uso de materiais de leitura selecionados como adjuvantes terapêuticos

em medicina e psiquiatria; também utilizado na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida”.

#### 4.3.1 PRINCIPAIS FORMAS DE APLICABILIDADE DA BIBLIOTERAPIA

Pereira (1996, p. 57-58) em concordância com outros especialistas caracteriza a biblioterapia em três tipos: Institucional, Clínica e Desenvolvimental.

- 1- **Institucional** – É a que se refere ao uso de literatura, primeiramente didática, com clientes individualmente e que se encontra institucionalizada. Inclui o uso médico tradicional de Biblioterapia, cujos textos de higiene mental são recomendados a pacientes com doenças mentais. Isso caracteriza uma situação especial de prescrição de livros para doenças específicas. Esse tipo de terapia é exercido por um bibliotecário juntamente com um médico ou uma equipe médica. A meta é principalmente informativa e recreativa.
- 2- **Clínica** – É a que se refere ao uso da leitura imaginativa em primeira fase com grupos de clientes/pacientes com problemas emocionais ou comportamentais. Sendo que esses clientes/pacientes podem ou não participar do programa voluntariamente. Os grupos podem ser liderados por um médico ou por um bibliotecário, mas geralmente são implementados por ambos. Um consultando o outro. O ambiente pode ser um instituto ou a comunidade. Seu objetivo é uma possível mudança de comportamento.
- 3- **Desenvolvimental** – é um tipo de biblioterapia que se utiliza da literatura de modo imaginativo e didático com grupos de indivíduos “normais” para ajudar as pessoas a realizarem tarefas comuns e ajudar com os problemas cotidianos como gravidez, morte, preconceitos etc. O grupo de Biblioterapia é designado e liderado pelo bibliotecário professor ou outro profissional.

O quadro 2 sintetiza as características dos três tipos de biblioterapia, incluindo maior detalhamento dos elementos envolvidos.

Quadro 2 - Características dos três tipos de Biblioterapia

	INSTITUCIONAL	CLÍNICA	DESENVOLVIMENTAL
Formato	Individual ou Grupo geralmente passivo	Grupo ativo, voluntário e involuntário	Grupo ativo e voluntário
Cliente	Paciente, médico ou psiquiátrico, prisioneiro ou cliente em prática privada	Pessoas com problemas emocionais ou comportamentais	Pessoa normal geralmente em situação de crise
Contratante	Sociedade	Sociedade ou individual	Individual
Terapêutica	Equipe médica ou bibliotecária	Médico, instrutor de saúde mental ou bibliotecário, geralmente em consulta	bibliotecário, professor ou outros
Material usado	Tradicionalmente didático	Literatura imaginativa	Literatura imaginativa e/ou didática
Técnica		Discussão de material, com ênfase nas visões e nas reações do cliente	Discussão de materiais com ênfase nas visões e reações dos clientes
Local	Discussão de material	Prática de instituição privada ou de comunidade	Comunidade
Meta	Geralmente informativo, com alguma visão interna	Visão interna e/ou mudança de comportamento	Comportamento normal e auto realização

Fonte: elaboração própria a partir de Pereira (1996, p. 59).

PEREIRA (1996, p. 58) deixa claro que é muito importante saber a distinção dos três tipos de biblioterapia para que sua prática se dê de forma dinâmica e segura. Sendo “importante para a discussão da educação e conscientização do seu valor”.

Já para Caldin (2009) e Sousa (2018), existem apenas duas categorias de biblioterapia a de desenvolvimento e a clínica. De acordo com Caldin (2009), ao analisar a produção bibliográfica no Brasil, os estudos apontaram que a Biblioteconomia é tida como área atuante na biblioterapia seguida pela psicologia. Portanto, a biblioterapia de desenvolvimento é realizada por bibliotecários e a clínica por psicólogos. É a biblioterapia de desenvolvimento que faz parte da vida profissional das autoras e das vivências práticas. Embora, Caldin (2009) afirme que a biblioterapia de desenvolvimento seja realizada por bibliotecário ela faz questão de esclarecer que:

[...] ênfase constantemente a colaboração de profissional da área da saúde quando a biblioterapia é realizada em hospitais, casas de repouso e asilos; de profissional da educação quando é executada em creches, escolas e orfanatos; e de assistente social quando se dá em prisões e centros comunitários. Tal parceria realça a importância de um trabalho

interdisciplinar, cujo objetivo é transformar a leitura em um exercício de fruição estética benfazeja (CALDIN, 2009, p. 11).

Para Caldin (2009) e Sousa (2018), há quem defenda na biblioterapia de desenvolvimento “o uso de materiais informacionais ou didáticos”. No entanto, as autoras utilizam apenas “textos literários por acreditar no potencial terapêutico do material ficcional” (CALDIN, 2009, p. 11). Já para Silva (2014), o uso de literatura e ficção no tratamento biblioterapêutico não há tanta credibilidade como são com os livros de autoajuda, por serem bem mais estudados no nível científico.

Já Fonseca (2014, p. 9) defende que “a leitura dos clássicos aprimora as capacidades intelectuais e cognitivas, cuja aquisição é fundamental para a compreensão do mundo”. Para a autora,

[...] os livros clássicos são marcados por experiências de vidas passadas, carregam consigo um somatório de histórias sobre a humanidade e, por isso, podem trazer ao leitor novas possibilidades de enxergar o mundo que, por ora, poderia encontrar-se em um "estado morno" pela sobrecarga da vida diária.

Seixas (2010), como psicóloga, utiliza a Biblioterapia Clínica. Ela considera esse tipo de biblioterapia pouco abordado, mas tem grande potencial. Em 2011, ela deu início aos Círculos de biblioterapia que ela chama de rodas de leitura com fins terapêuticos. Os materiais são previamente selecionados para um grupo de pessoas diferentes, mas com questões similares. Os encontros são enriquecidos por meio do diálogo e que, segundo a autora, os participantes não saem da mesma forma que chegam, eles saem alimentados de forma muito positiva. Da mesma forma acontece com os encontros individuais em seu consultório, que ela costuma dizer que, é como se estivesse em um teatro com uma grande plateia, e que esse encontro individual se dá de forma muito mais intensa.

Quanto ao campo de atuação das atividades biblioterapêuticas, de acordo com Alves, (1982, p. 57), podem ser aplicadas no “Campo Correcional, na Educação, na Medicina, na Psiquiatria” e, também, “com Idosos” (CALDIN, 2001a).

**Campo correcional** - a biblioterapia se destina a recuperar jovens delinquentes e adultos criminosos por possuírem problemas emocionais e de ordem social. Nesse caso, a leitura serve de auxílio para a resolução desses problemas. Pois o “uso do livro provoca a diminuição da ansiedade, despertando novos interesses, canalizando a agressão para ações aceitas pela sociedade” (SEITZ, 2006, p. 28). Entretanto, segundo Alves (1982), é necessária a existência de uma biblioteca dentro do sistema prisional.

**Educação** - o foco é nas crianças e adolescentes que enfrentam problemas comuns como a morte de um familiar, divórcio, problemas com amigos e, principalmente, para as crianças que ficam afastadas do convívio familiar, por ter que ficar em creches. “A leitura dirigida para crianças pode ser efetuada antes mesmo de sua alfabetização e criará condições preparatórias para o desenvolvimento do hábito de leitura” (RATTON, 1975 apud SEITZ 2006, p. 29).

**Medicina** – segundo Vasquez (1989 apud SEITZ, 2006) a biblioterapia na medicina se utiliza da leitura imaginativa direcionada a pessoas que apresentam problemas emocionais e comportamentais. Um médico ou um bibliotecário poderá planejar conduzir e aplicar a atividade dentro das dependências da própria instituição. Como resultado espera-se uma mudança no comportamento.

**Psiquiatria** - é utilizada como coadjuvante de grande valor, já que os pacientes com transtornos mentais na maioria das vezes não conseguem se comunicar e se expressar de forma que venham a ser compreendidos. Nesse sentido, a biblioterapia serve para fazer uma ponte entre o paciente e o médico (SEITZ, 2006).

**Idosos** - ajuda a diminuir a ansiedade, manutenção da saúde emocional, aceitação das novas condições de vida. O livro é o elemento mais indicado, pois, sua função é informar sobre o envelhecimento e suas implicações como: aspectos físicos, psicológicos e problemas sexuais, uma vez que, os idosos se sentem envergonhados de falar abertamente com os profissionais da área (CALDIN, 2001).

Na Educação, Lucas, Caldin e Silva, (2006) realizaram um estudo de caso em uma creche com crianças em idade pré-escolar e identificaram os efeitos terapêuticos desejados como “o envolvimento com diferentes tipos de textos literários, ampliando a visão das crianças e fornecendo acesso à cultura geral”. Dentro da atividade biblioterapêutica “as crianças também puderam realizar atividades de recreação, que permitiram uma interpretação mais ampla dos textos utilizados, e ainda auxiliaram no estímulo a criatividade e leitura” (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p. 413).

Na Psiquiatria, Silva (2014) realizou um estudo de caso na UCCPO do CHPL em Lisboa, artigo publicado em português, com aplicação da Biblioterapia, no contexto de Saúde Mental, “nomeadamente a um grupo de pessoas adultas com necessidades psicossociais, com idades entre os 21 e os 49 anos, frequentadoras da valência da Área de Dia”. Depois da realização do estudo a autora confirmou que a “Biblioterapia é um recurso útil aplicado a doentes mentais, que lhes traz bem-estar, benefícios, e fomenta a comunicação e partilha dos seus sentimentos e emoções” (SILVA, 2014, p. 186).

Ainda na Psiquiatria, Menegócio *et al* (2019) desenvolveram um projeto no CAPSAD III do município de Indaiatuba - SP com a implantação de uma biblioteca onde foi executada uma oficina de Biblioterapia tendo como foco ser coadjuvante no tratamento da Dependência Química, “ferramenta fomentadora de diálogo, discussão, reflexões, momentos de descontração, alegria”, fazendo com que os participantes se esquecessem dos seus problemas. Já outras atividades ocorreram através de “leitura prescrita”, pois, permitiram “percepções voltadas para as tomadas de decisões na vida dos usuários de SPA” (MENEGÓCIO *et al*, 2019, p. 69).

Caldin (2001a) cita alguns projetos de Biblioterapia aplicados em diferentes espaços e instituições realizados no Brasil conforme demonstrado no quadro 3.

Quadro 3 – Projetos de Biblioterapia realizados no Brasil

<b>Autores/Data</b>	<b>Campo de Atuação e Local de Aplicação</b>	<b>Síntese dos Projetos</b>
Fernández Vasquez (1989)	(Idosos) Lar da Previdência Carneiro da Cunha, em João Pessoa.	Objetivou informar sobre a importância da atividade biblioterapêutica a uma clientela específica: os idosos. Por meio de um programa de leituras dirigidas, procurou despertar o gosto pela leitura e melhorar o quadro psíquico e mental da clientela. Propôs, adicionalmente, a implantação de um programa permanente de biblioterapia aos residentes no asilo, pois constatou uma diminuição dos quadros de ansiedade e depressão da população estudada, após as sessões de leitura dirigida.
Marília M. Guedes Pereira (1996)	(Portadores de necessidades especiais) Bibliotecas públicas – Paraíba - João Pessoa	Preocupada com a preparação educacional e a especialização profissional do deficiente visual que auxiliariam sua integração na sociedade, propôs a implantação de um programa de biblioterapia para portadores de deficiência visual.
Eva Maria Seitz (2006)	(Medicina) Clínica Médica do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina.	Verificou que a prática biblioterapêutica foi útil no processo de hospitalização, como fonte de lazer e de informação, na interação entre bibliotecário/paciente/enfermeiros e no processo de socialização dos pacientes. Enfocou a biblioterapia como lazer e humanização do hospital e do tratamento das doenças.
Clarice Forkamp Caldin (2001)	(Medicina) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Analisou o projeto Literatura infantil e Medicina pediátrica: uma aproximação de integração humana
Clarice Forkamp Caldin (2001b)	(Medicina) Universidade da Região de Joinville	Realizou mais cinco sub-projetos vinculados ao projeto-matriz Por uma Política de Incentivo à Leitura. Desenvolveu um trabalho de terapia por meio da leitura na ala pediátrica de hospitais de Porto Alegre e de Joinville. Constatou que as histórias lidas às crianças amenizaram sua situação incapacitante e proporcionaram alívio temporário das dores e dos medos advindos da doença e do ambiente hospitalar.

Fonte: elaboração própria a partir de CALDIN (2001a, p. 41 e 42).

Como visto acima, as práticas biblioterapêuticas podem ser aplicadas em qualquer campo de atuação. Essas práticas podem proporcionar aos indivíduos “momentos prazerosos, realizando-as em diversas faixas etárias, observando as características relativas a cada idade e obtendo uma aplicação diferenciada para cada contexto” (GARCIA; FERREIRA, 2018, p.



110). Essas atividades podem se configurar como “leitura, quanto narração ou dramatização de uma história” e que quase sempre é seguida de atividades lúdicas, mas sempre, de diálogo. É através do diálogo que “entra o potencial curativo da linguagem, da fala compartilhada, pois os pensamentos que se achavam adormecidos, despertados pela biblioterapia, ganham corpo na palavra e permitem a percepção do outro”, ou seja, os participantes das atividades têm a certeza de que não estão sozinhos no mundo e que são capazes de vencer os obstáculos do dia a dia que tanto podem ser reais ou imaginários, já que, se dispõe de parceiros “para tal enfrentamento” (CALDIN, 2009, p. 12).

Para Guedes e Baptista (2013, p. 5) as atividades biblioterapêuticas permitem aos indivíduos entenderem “uma situação conflitante mediante leituras e suas interpretações, sendo um ato favorável a todos que necessitam superar a incapacidade de lidar com determinadas situações”. No entanto, é necessário um planejamento prévio para entender a realidade de quem vai participar das atividades para que o resultado tenha eficácia.

Sobre as práticas biblioterapêuticas Seitz (2006, p. 31) esclarece que:

Estudiosos, de maneira geral, argumentam que a prática biblioterapêutica pode proporcionar várias experiências ao leitor, ajudando-o a alcançar a compreensão emocional e intelectual, oferecer oportunidade para identificação e compreensão, aumentar valores e reforçar os já existentes, pode, ainda, dissipar o isolamento, reforçar padrões culturais e comportamentais.

No entanto, a autora deixa claro que apesar dos inúmeros benefícios “a prática biblioterapêutica apresenta importantes limitações a serem enfrentadas” (SEITZ, 2006, p. 32):

1. A falta de bibliotecários treinados e com habilidades para conduzir o programa de Biblioterapia;
2. A inexistência de bibliotecas, sobretudo em hospitais;
3. O pouco conhecimento sobre o leitor;
4. A inexistência de estudos que apontem quais os tipos de problemas de saúde são mais tratáveis com a Biblioterapia, qual é o tipo de leitura que é mais eficaz e qual leitor será mais beneficiado.

Diante do que foi exposto, pode-se observar que as práticas biblioterapêuticas, apesar das limitações enumeradas acima, deixaram de ser aplicadas apenas no campo da medicina e psiquiatria. Outros campos de atuação foram alcançados, com as mais variadas faixas etárias, que contempla desde a criança ao idoso. Essas práticas alcançaram as prisões, asilos, creches, clínicas, hospitais, pacientes com necessidades especiais, dependentes químicos e alguns tipos

de transtornos mentais, nos quais, de acordo com os autores acima citados, verificaram melhora na qualidade de vida dos pacientes/clientes.

#### 4.4 ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO NA ABORDAGEM DA BIBLIOTERAPIA

Segundo Garcia (2015, p. 47), durante muitos séculos a profissão do bibliotecário se caracterizava como uma ocupação rodeada de mistérios. Essa profissão era realizada por intelectuais “dotados de vasta cultura humanística, grande capacidade de organização e devotado amor aos livros”. Somente no final do século XX, o perfil e atuação desses profissionais se modificaram, adquirindo novas habilidades e passando a atuar de forma interdisciplinar. Já no século XXI, com o desenvolvimento científico e tecnológico o bibliotecário passou a ter uma infinidade de possibilidades profissionais abandonando a função apenas educativa, graças aos novos currículos do Curso de Biblioteconomia (PINTO, 2005).

Conforme explica Fonseca (2014, p. 10):

Os Séculos XX e XXI trouxeram consigo mudanças significativas na forma de pensar e de agir. O modelo de outrora não é mais compatível com as necessidades e serviços atuais. Neste sentido, o papel do bibliotecário ganha novas dimensões, não se limitando apenas a organização e ao processamento técnico da instituição, assumindo, também, atividades de caráter humanístico e social.

Nesse sentido, de acordo com Pinto (2005), no campo da Biblioteconomia já existem muitas disciplinas transversais que podem contribuir para mostrar que o bibliotecário possui respaldo, tanto da parte teórica como na parte técnica, para trabalhar com a informação. No entanto, o bibliotecário não deve se preocupar apenas com a informação e sim saber o que fazer com essa informação, ou seja, como mediar essa informação. Nesse sentido, a mediação é considerada “o objeto principal da Biblioteconomia e, portanto, do fazer bibliotecário. Tendo a mediação como diretriz, como norte, como objeto, o bibliotecário pode alterar, pode transformar sua ação social, não a ideal, mas a real” (ALMEIDA JÚNIOR, 2004 apud GUEDES; BAPTISTA, 2013, p. 246). Como afirma Calenge (1988 apud PINTO, 2005, p. 39) “a Biblioteconomia se constrói sobre modelos que exigem processos de ação”, ou seja, a Biblioteconomia deve ser vista de forma dinâmica perante a sociedade.

Portanto, a Biblioteconomia torna-se flexível para que outras práticas leitoras possam se construir de forma multidisciplinar, na qual a leitura é vista como uma prática social. Nesse

sentido, “a interdisciplinaridade na formação do bibliotecário possibilita ampliação do seu conhecimento desde sua base de formação, bem como atuação de forma segura e efetiva junto a outros profissionais, seja nas práticas de biblioterapia, seja em outras atividades” (GARCIA, 2015, p. 102).

No entanto sua prática pelos bibliotecários segundo Pinto (2005, p. 42) fica condicionada “aos conhecimentos do terreno da psicoterapia; portanto essa vivência deveria ser implementada conjuntamente com psicólogos, terapeutas e outros profissionais desse ramo”. Portanto, torna-se necessário discutir sobre o assunto que envolve os cursos de Biblioteconomia, “em virtude da implantação dos seus projetos políticos pedagógicos, a biblioterapia como locus de ação do profissional de informação (bibliotecário) também seja contemplada, de maneira a se oferecerem oportunidades aos que buscam conhecimentos sobre esta disciplina”.

Gumieiro et al (2007 apud GUEDES; BAPTISTA, 2013, p. 246) destacam que “[...] o bibliotecário deve, juntamente aos demais profissionais envolvidos com a biblioterapia, conduzir a informação de que necessitem e exercer o papel social de contribuição para a sociedade”. Nesse sentido, a biblioterapia pode ser vista como um campo de atuação para o bibliotecário, uma vez que, são capazes de fazer com que as bibliotecas desenvolvam atividades biblioterapêuticas, “a fim de incentivar a socialização das informações, e assim constituir um meio de unir as necessidades informacionais da sociedade com o papel social que o bibliotecário deve exercer” (SILVA; PINHEIRO, 2008 apud GUEDES; BAPTISTA, 2013, p. 246).

Lembrando que “de maneira alguma se diminui a importância da técnica da profissão do bibliotecário, afinal é a sua essência”. Entretanto, é de extrema importância reconhecer que os “campos de atuação desse profissional estão ampliando-se cada vez mais e assumir esse momento é essencial para o fortalecimento e reconhecimento da profissão” e a biblioterapia se apresenta como “um exemplo desse novo momento da profissão” (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p. 399).

Portanto, a biblioterapia surge como um campo de atuação para o bibliotecário, com a possibilidade de ser aplicada em vários lugares, como: “creches, escolas, orfanatos, centros comunitários, prisões, hospitais, casas de repouso, asilos”. O Público - alvo pode ser com “crianças, jovens, adultos, idosos, portadores de necessidades especiais, doentes crônicos, dependentes químicos”, uma vez que, “todos são merecedores dos efeitos benéficos da leitura” (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p. 6 e 7).

Para Caldin (2010, p. 44):

[...] o bibliotecário que pretende desenvolver atividades de biblioterapia deve, antes de tudo, nutrir interesse pelo aspecto humano da profissão, esquecendo-se, nesses momentos, dos serviços técnicos para os quais também se preparou na Graduação. É indispensável demonstrar empatia, interesse e preocupação com o bem-estar do outro, saber escutar os problemas alheios e ser flexível no programa de atividades que planejou a fim de contemplar os gostos de todos os envolvidos no programa.

No entanto, é necessário um planejamento bem estruturado. A seleção das atividades e dos materiais de leitura deve ser bem criteriosa. Muitos são os problemas enfrentados pelos indivíduos e para cada tipo de problema é um material diferente. Cada indivíduo é único, cada um com suas particularidades. Deve-se levar em conta que o ambiente faz parte dessa dinâmica e precisa ser bem acolhedor. Dessa forma, o leitor se sente mais confortável para se expressar através de gestos e palavras, interagir com o biblioterapeuta e, em troca, encontrar uma resposta para seus conflitos (PINTO, 2005).

Nesse sentido, Caldin (2009, p. 205) colabora afirmando que, “o cuidado com o ser se manifesta na criação de um ambiente caloroso, em que o aplicador da biblioterapia oferece sua simpatia ao público-alvo, ou seja, não mantém uma atitude apática em face dos problemas do outro”. Deve também, reconhecer e respeitar “a individuação, e, por esse motivo, sabe que não irá experienciar a vivência do outro”.

Portanto, o bibliotecário é capaz de contribuir para melhorar a qualidade de vida de muitas pessoas que precisam de acolhimento, valendo-se de livros e de outros materiais cuidadosamente selecionados que venham colaborar para uma melhora significativa dos problemas ou até mesmo a cura definitiva. O profissional bibliotecário tem sua atuação cada vez menos limitada apenas às bibliotecas. Esse profissional da informação enfrenta o desafio de se manter inserido nesse novo contexto de mundo em transformação cada vez mais exigente e competitivo (PINTO, 2005).

Como resumem Ferreira e Garcia (2018): É quando o bibliotecário realiza seu papel social “indo além do desempenho das atividades básicas e técnicas realizadas nas delimitações físicas da biblioteca, no uso das tecnologias e nas ações que desempenha na biblioteca ou para além dela”.

#### 4.5 DEFINIÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS

Para entender a definição de um transtorno mental torna-se necessário esclarecer o que seja o termo psicopatologia. Segundo Campbell (1986, apud DAGALORRANDO, 2000, p.

23), a psicopatologia é definida como “um ramo da ciência que trata da natureza essencial da doença mental”, que apresenta as causas, as mudanças estruturais, funcionais e suas formas de manifestações, que se define como “o conjunto de conhecimentos referentes ao adoecimento mental do ser humano”.

De acordo com Roudinesco e Plon (1998 apud CALDIN 2009, p. 58), o termo psicopatologia “foi utilizado, no fim do século XIX, pela medicina, psicologia, psiquiatria e psicanálise, para designar os sofrimentos da alma” e, “em termos mais amplos, os distúrbios do psiquismo humano, a partir de uma distinção ou de um deslizamento dinâmico entre o normal e o patológico, variável conforme as épocas”.

De acordo com Amaral (2011), os transtornos mentais são as alterações do funcionamento da mente. Essas alterações prejudicam a pessoa dentro das relações familiares, no convívio com outras pessoas, na relação interpessoal, no trabalho, dificuldade nos estudos, dificuldade em entender seus próprios conflitos, ou seja, os transtornos mentais não preservam nenhum aspecto da condição humana.

Segundo Dalgarrondo (2008), um transtorno mental é, por definição, um desvio do que é considerado um comportamento padrão ou personalidade normal. Dentro da literatura médica, são vários os critérios analisados para definir o que é normalidade e anormalidade. Para ser considerado normal o indivíduo não pode apresentar nenhum transtorno mental definido. Já para definir um indivíduo fora da normalidade é necessária uma avaliação criteriosa por especialistas para detectar se existe um conjunto de sintomas que são persistentes e que cause prejuízos significativos na vida do indivíduo.

Esse conjunto de sintomas está relacionado aos temas centrais da vida humana, tais como: “sobrevivência e segurança, sexualidade, temores básicos (morte, doença, miséria etc.), religiosidade, entre outros” (DALGALARRONDO, 2008, p. 29).

De acordo com o American Psychiatric Association – DMS-5 (2014, p. 20) um transtorno mental é: “uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional, ou no comportamento de um indivíduo”. Essa perturbação “reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental”. Os transtornos mentais geralmente estão associados “a sofrimento ou incapacidade significativa que afetam atividades sociais, profissionais ou outras atividades importantes”.

Qualquer pessoa pode ser acometida por um transtorno mental em qualquer fase da vida, em qualquer lugar do mundo, não importando a idade, sexo ou nacionalidade. As pessoas se tornam vulneráveis devido a vários fatores, tais como: “hereditariedade, problemas

familiares (violência e falta de afeto), as experiências traumáticas, abusos sexual na infância, as situações de desastres e tragédias coletivas, o abuso de substâncias que agem no cérebro, o abuso de álcool e outras drogas” (RODRIGUES et al, 2011, p. 5).

Nesse sentido, de acordo com estudo realizado no Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Michigan “ao longo da vida, uma em cada duas pessoas deve desenvolver um transtorno psiquiátrico, ou seja, mais de 3 bilhões de pessoas” (CURY, 2013, p. 19). E, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), um dos transtornos mentais que mais afeta a humanidade é a depressão. São mais de 300 milhões de pessoas em todo mundo

Para Silva (2016, p. 18), “de maneira mais técnica, a depressão pode ser definida como um transtorno mental que altera de modo significativo o humor de seus portadores”. Ainda segundo a autora, existem quatro tipos de depressão: a clássica, distímia, depressão bipolar e a depressão circunstancial. Cada uma delas com “características específicas e peculiares. Essas características são de grande valia na escolha e no direcionamento das alternativas terapêuticas mais adequadas para cada paciente” (SILVA, 2016, p. 30).

**1. Depressão clássica** - é considerada a forma mais comum, se caracteriza por mudanças de humor com duração mínima de duas semanas, cujos sintomas essenciais são: sentimento de tristeza e pesar, perda do interesse em atividades previamente consideradas agradáveis, alteração do sono (insônia ou excesso de sono), perda ou aumento de peso (ambos de modo significativo), desesperança, atividade motora mais lenta ou mais agitada, perda de energia e muito cansaço, estado emocional de apatia ou intensa irritabilidade etc.

**2. Distímia** - é uma forma duradoura da doença depressiva que se caracteriza por uma expressão permanente de tristeza e desânimo. Os sinais e sintomas da distímia são semelhantes aos da depressão clássica, no entanto, manifestam-se de forma menos intensa.

**3. Depressão bipolar** - recebe também as seguintes denominações: transtorno bipolar, depressão maníaca ou ainda doença maníaco-depressiva. Nesse quadro clínico, o humor pode alterar causando tristeza profunda ou alegria desmedida.

**4. Depressão circunstancial** - apresenta os mesmos sintomas da depressão clássica, no entanto, seu aparecimento guarda uma relação estreita com um agente causal externo que funciona como fator desencadeante no desenvolvimento do quadro depressivo completo.

A depressão pode acontecer em níveis de gravidades que variam de acordo com a intensidade de seus sintomas. Podendo ser leve, moderado e grave. A depressão Leve não tem tanta interferência na vida do indivíduo e a sua rotina é mantida, só que demanda um determinado esforço. No nível Moderado, são muitos pensamentos negativos e a tendência é

que se tornem obsessivos. Quando o nível da depressão se apresenta na forma Grave: os prejuízos são bem maiores, e o sofrimento, muito mais intenso (SILVA, 2016).

Já a ansiedade é um transtorno mental que se caracteriza pela “presença de sintomas ansiosos excessivos na maior parte dos dias, por pelo menos seis meses”. A pessoa vive “angustiada, tensa, preocupada, nervosa ou irritada”. A pessoa tem dificuldade para dormir, para relaxar, e tem muita dificuldade de concentração. Podem ocorrer sintomas como “cefaleia, dores musculares, dores ou queimações no estômago, taquicardia, tontura, formigamento e sudorese fria”. Esses sintomas causam grande sofrimento e prejudicam o indivíduo na vida social e ocupacional (DAUGALORRANDO, 2008, p. 304).

Outro transtorno mental que afeta mais de 60 milhões de pessoas em todo o mundo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) é o transtorno afetivo bipolar, definido por episódios de depressão e mania. Os episódios de mania envolvem o humor elevado ou irritado. O tratamento é medicamentoso, embora o apoio psicossocial seja considerado um componente importante como auxiliar no tratamento.

Os transtornos alimentares também são considerados transtornos mentais e são entendidos por um conjunto de doenças psiquiátricas multifatoriais e complexas, que exige muito cuidado no diagnóstico, pois, essas doenças quase sempre vêm acompanhadas de problemas físicos e psicológicos graves, com episódios de depressão e ideação suicida. Há algumas décadas se acreditava que os transtornos alimentares acometiam apenas meninas ocidentais, de raça branca e que pertenciam a uma classe social alta. Entretanto, atualmente os transtornos alimentares vêm aumentando de forma assustadora entre as crianças, adolescentes, jovens e adultos do mundo todo. Os transtornos alimentares não escolhem raça, cor, classe social e nem sexo (NUNES, 1998).

Dentre os transtornos alimentares a anorexia nervosa, é considerada um transtorno psiquiátrico grave que mais mata no mundo. O termo anorexia deriva do grego *orexis* (apetite) acrescido do prefixo an (privação, ausência), neste caso anorexia significa perda de peso de origem nervosa, onde a pessoa que sofre desse transtorno trava uma luta constante contra a fome (NUNES, 1998).

De acordo com a OMS (2018), existe uma crescente preocupação para com as pessoas que sofrem com transtornos mentais. Espera-se uma maior conscientização do público e dos profissionais para que muitas barreiras possam ser derrubadas no que diz respeito especialmente ao estigma, discriminação e à insuficiência de serviços que deixa de fora milhões de pessoas em todo mundo de receber um tratamento que merecem, pois a saúde

mental é indispensável para que o indivíduo se sinta bem com ele mesmo e perante a sociedade.

#### 4.6 OS BENEFÍCIOS DA BIBLIOTERAPIA NOS TRANSTORNOS MENTAIS

A Biblioterapia funda-se em uma prática de leitura que permite ao homem ir ao mais profundo de si mesmo e se inventar a cada vez de maneira diferente” (OUAKNIN, 1996, p. 197).

Uma pessoa acometida de um transtorno mental vive em profundo sofrimento e, conseqüentemente, a sua família e amigos são afetados. Frequentemente, são abatidos pela falta de ânimo levando o indivíduo a pensar em tirar sua própria vida. Na maioria das vezes esses pacientes são abandonados pela família por desacreditarem que se trata de uma patologia, mas que seja apenas um desvio de caráter (BRASIL, 2003).

Cabe aqui esclarecer que, para cada tipo de transtorno mental existe tratamento adequado, e que não é só feito por meio de medicamentos. Na verdade, o tratamento medicamentoso “é um valioso instrumento da psiquiatria para o controle dos sintomas e, com o avanço das pesquisas nesse campo, muito se tem conseguido em melhora da qualidade de vida da pessoa com transtorno mental”, lembrando que, os medicamentos só controlam os sintomas, mas não oferecem a cura (BRASIL, 2018, p. 63). No entanto, “a cada dia surgem novas abordagens no lidar com o paciente de Saúde Mental” (BRASIL, 2018, p. 64).

É dentro desse contexto, que a biblioterapia se constitui como uma abordagem no tratamento de quem sofre com os transtornos mentais, pois, se utiliza de livros e outros materiais para auxiliar no tratamento desses transtornos que causam tanto dor física como dor na alma. Como esclarece Seixas (2014, p. 37), “os livros e as palavras são como barcos que auxiliarão nas travessias necessárias, seja em mar calmo ou no meio das tempestades”.

Desde a antiguidade já se recorriam à leitura com o objetivo de aliviar o sofrimento em doentes mentais, “sendo considerada uma das melhores práticas para esse fim. Em bibliotecas antigas e medievais foram encontradas mensagens inscritas que expressavam a crença desses povos no valor terapêutico da leitura” e também, “desde tempos remotos, muitas pessoas também praticam aquilo que poderá chamar-se de Biblioterapia pessoal, usando um livro de relevo inquestionável – a Bíblia”. Era dessa forma que os jovens se preparavam para enfrentar a vida, e obtinham “conforto e cura espiritual através da leitura deste livro” (SILVA, 2014, p. 48). Pereira (1996, p. 30), também relata que, “os gregos afirmavam que suas bibliotecas eram repositórios de remédio para o espírito, enquanto que os romanos achavam que as orações poderiam ser lidas para os pacientes melhorarem a sua



saúde mental”. Nesse sentido, a biblioterapia tem seu valor reconhecido por beneficiar os pacientes a melhorar a saúde, mudar o comportamento agindo como uma forte aliada na resolução de problemas (NASCIMENTO, 2007 apud MENEGÓCIO *et al*, 2019).

Já Silva (2014) apresenta a posição de Pardeck que diz que a Biblioterapia é proposta para o tratamento de alguns casos de transtornos mentais, e não para todos. Esta constatação se dá pelo fato de que, “em 1998, Pardeck cita os trabalhos de alguns investigadores (os irmãos Menninger) que dizem que a Biblioterapia (na forma de livros de autoajuda, ou literatura acerca de assuntos relacionados com Saúde Mental) é contra indicada em casos de psicose, pacientes em estado de ansiedade, neuroses obsessivas, e para pacientes em tratamento psicanalítico”, portanto, consideraram, “a Biblioterapia adequada em casos de neuroses leves, alcoolismo, familiares de pacientes e pais que precisassem de ajuda para a orientação dos seus próprios filhos” (PARDECK, 1998 apud SILVA, p. 40).

Já Fonseca (2014, p. 8) ressalta que:

A biblioterapia, não sendo panacéia para todos os males humanos, é, com certeza, uma terapia complementar para apoiar milhões de pessoas que, ano após ano, experimentam a frustração, o desânimo, estresses, fobias, ansiedades, depressão, causando o desequilíbrio emocional. A biblioterapia oferece alternativa à vida humana.

Nesse sentido, a biblioterapia apresenta contribuições significativas na vida de quem sofre com transtornos mentais. Fornece informações, suporte e orientação na forma de atividades de leitura por meio de livros para melhorar a qualidade de vida ao lidar com o sofrimento causado pela depressão, angústia e isolamento social. Isto posto, a literatura sobre o tema mostra que a biblioterapia, como proposta de terapia, pode ser utilizada com o objetivo de melhorar as habilidades de enfrentamento das pessoas que possuem algum transtorno mental (CARVALHO, 2010 apud, MENEGÓCIO *et al*, 2019).

Como diz Fonseca (2014, p. 7), “a biblioterapia oferece requisitos eficazes para amenizar quadros de saúde mental e/ou física, em busca da harmonia pelo bem-estar, servindo como impedimento para o desenvolvimento de doenças, além da busca do entretenimento” e, ainda pode proporcionar momentos de descontração, reflexão e momentos de lazer, fazendo com o que o leitor “passe por momentos de conforto nos conflitos cotidianos, ajudando ao homem à busca da compreensão e da solução para seus problemas, fornecendo possibilidades para a manutenção da saúde mental, além de estimulá-lo para a prática diária da leitura”.

Portanto, a biblioterapia é considerada uma técnica eficaz ao possibilitar que as pessoas que estão em sofrimento se identifiquem com a realidade dos personagens das

histórias. Ao se identificarem, pode acontecer uma transformação interior, uma vez que, a leitura favorece essa possibilidade de mudança, pois, “a leitura tem um efeito salutar e sustentação sobre muitas dessas pessoas e oferece oportunidades para eles se comunicarem com os outros, e através das palavras escritas para procurar e encontrar respostas às suas necessidades atuais” (TEWS, 1962 apud FERREIRA; GARCIA, 2018, p. 13).

Lembrando que, nem sempre quem sofre de um transtorno mental consegue expressar o que está sentindo. Nesse caso, a leitura precisa ser de forma orientada, pois, dessa forma fica muito mais fácil entender seus conflitos interiores. Nesse sentido, a leitura orientada provoca uma ação transformadora tendo como objetivos:

Auxiliar o paciente a entender melhor suas reações psicológicas e físicas de frustração e conflito; ajudar o paciente a conversar sobre seus problemas; favorecer a diminuição do conflito pelo aumento da autoestima ao perceber que seu problema já foi vivido por outros; prestar auxílio ao paciente na análise de seu comportamento; proporcionar experiência ao leitor sem que o mesmo passe pelos perigos reais; reforçar padrões culturais e sociais aceitáveis, e, estimular a imaginação (GOTTSCHALK, 1948 apud CALDIN, 2001, p. 34).

Para Leite (2019, p. 17) a biblioterapia, como uso terapêutico da leitura, é utilizada no alívio da dor e sofrimento como uma atividade alternativa ou para complementar o uso de medicamentos e pode apresentar os seguintes benefícios:

- Promove o bem estar;
- Melhora o vocabulário e a escrita
- Facilita o diálogo;
- Gera a capacidade de resolver problemas do dia a dia com mais clareza;
- Estimula a criatividade e a imaginação;
- Aumenta o nível de motivação;
- Fornece meios para a descoberta de novas formas de sentir e pensar;
- Ajuda na expressão de pensamentos e sentimentos;
- Auxilia na compreensão do outro e no desenvolvimento de empatia;
- E potencializa o autoconhecimento pela reflexão.

Baseando-se nos estudos de Aristóteles e Freud, de acordo com Caldin, (2001a; 2009), os componentes biblioterapêuticos como a catarse, o humor, a identificação, introjeção e introspecção podem ajudar os indivíduos em sofrimento a ter um olhar diferenciado acerca de seus problemas. Segundo Menegócio *et al* (2019, p. 64) os componentes biblioterapêuticos:

[...] permite um melhor entendimento sobre a ação de um livro, um texto, como elemento modificador na vida das pessoas, até mesmo melhora na solidão, angústia, depressão e isolamento, como causas cada vez mais presentes na vida das pessoas levando a sérios transtornos mentais.

A catarse acontece quando a pessoa se envolve emocionalmente com o texto e aplica o que está lendo para si mesmo. Dessa forma, a pessoa pode ter suas emoções modificadas, melhorando assim seu estado de espírito, encontrando paz e alívio das emoções. “A catarse consiste em se livrar de tensões e de ansiedades” (CALDIN, 2009, p. 155).

No humor, os textos têm seu objetivo terapêutico alcançado quando o leitor consegue transformar o sofrimento como a dor, a angústia em prazer. Freud (apud CALDIN 2001a, p. 15), “observa que o humor se configura como um triunfo do narcisismo, visto que o ego se recusa a sofrer”. O humor é responsável por causar uma sensação de bem estar na pessoa.

Já a identificação ocorre quando a pessoa consegue se identificar com o que está lendo, neste caso, a pessoa se identifica com problemas semelhantes aos dos personagens fictícios e, dessa forma, ocorre uma transformação. Essa transformação quase sempre ocorre de “forma inconsciente, a identificação com um personagem permite vivenciar situações por vezes impossíveis na vida real” (CALDIN, 2001a, p. 38).

A introjeção está relacionada com a identificação, a pessoa pode internalizar qualidades do outro. Sendo assim, conforme Laplanche e Pontalis (1994, apud CALDIN, 2001a, p. 09), “o sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de ‘fora’ para ‘dentro’, objetos e qualidades inerentes a esses objetos”.

A introspecção trata-se da possibilidade de uma mudança comportamental quando a pessoa reflete sobre seus próprios desejos, pensamentos e intenções. “Dá-se a introspecção, o que, para alguns é uma percepção interna, e para outros, um ato deliberado da consciência” (CALDIN, 2009, p.186).

Neste sentido, os componentes biblioterapêuticos favorecem a recuperação da saúde mental por permitir que o leitor faça comparações de suas próprias emoções com as dos outros. Conforme diz Paulino (2012 apud FONSECA, 2014, p. 8), “a leitura transforma pessoas, abre portas e janelas a caminho da liberdade mental, traz a cura da alma quando tudo parece não ter solução para os problemas existenciais em benefício da saúde mental”.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir são apresentados alguns conceitos relevantes para a compreensão da metodologia escolhida a fim de responder à pesquisa sobre biblioterapia como uma contribuição significativa no tratamento dos transtornos mentais.

Segundo Minayo (1994, p. 16), a metodologia “é o caminho do pensamento e da prática exercida na abordagem da realidade” ocupando um “lugar central no interior das teorias”, estando sempre se referindo a elas. A autora cita Lênin (1965) que diz: “o método é a alma da teoria”. Nesse sentido, “a teoria é construída para explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto de fenômenos e processos”. No entanto, “nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja dá conta de explicar todos os fenômenos e processos”.

As ciências são caracterizadas pela utilização de métodos científicos, porém, “nem todos os ramos de estudo que empregam estes métodos são ciências”, ou seja, não é exclusividade da ciência a utilização dos métodos. No entanto, não se pode fazer ciência sem o “emprego de métodos científicos” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 40). Para as autoras:

Método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo de produzir conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, destacando erros e auxiliando as decisões dos cientistas (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 40).

Para Prodanov e Freitas (2013, p. 24), o método é considerado o caminho para se chegar a um determinado fim. No passado muitos pensadores defendiam a existência de apenas um método que servissem para todas as áreas do conhecimento. Defendiam “um método que fosse universal”. Porém, muitos outros métodos são defendidos por cientistas e filósofos da ciência. Esses métodos devem ser utilizados de acordo com o que se pretende investigar e pela classe de proposições. No entanto, para Lakatos e Marconi (2003, p. 84) o que interessa é o conceito moderno de método. Para tal, as autoras “consideram, como Bunge, que o método científico é a teoria da investigação”.

Prodanov e Freitas (2013, p. 24) falam o seguinte: se método “é um procedimento ou caminho para alcançar determinado fim e que a finalidade da ciência é a busca do conhecimento”, pode-se dizer que o método científico “é um conjunto de procedimentos adotados com o propósito de atingir o conhecimento”. Já de acordo com Trujillo Ferrari (1974 apud PRODANOV; FREITAS, 2013), o método científico é “um traço característico da ciência, constituindo-se em instrumento básico que ordena, inicialmente, o pensamento em

sistemas e traça os procedimentos do cientista ao longo do caminho até atingir o objetivo científico”.

Já a pesquisa “é um procedimento controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento” (ANDER-EGG, 1978, apud LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 155). Nesse sentido, a pesquisa é considerada uma forma de investigação de problemas teóricos ou práticos, que tem como finalidade “resolver problemas e solucionar dúvidas, mediante a utilização de procedimentos científicos” (BARROS; LEHFELDE, 2000a apud PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 42).

Olhando pelo prisma filosófico Minayo (2011 apud PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 43) considera a pesquisa como “atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica a pesquisa vincula pensamento e ação”.

Conforme o *Webster's International Dictionary*, “a pesquisa é uma indagação minuciosa ou exame crítico e exaustivo na procura de fatos e princípios; uma diligente busca para averiguar algo”. Nesse caso, a pesquisa não se resume “apenas a procurar a verdade; é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos” (LAKATOS; MARCONI, 2002, p. 15).

Nesse sentido, a metodologia serve para indicar o passo a passo de uma pesquisa científica. Portanto, diante do que foi exposto, o presente trabalho tem como meta analisar a produção bibliográfica a respeito da biblioterapia e como ela pode beneficiar quem sofre de transtornos mentais. Quanto à finalidade trata-se de uma pesquisa básica que segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 52), “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”. Quanto aos seus objetivos trata-se de uma pesquisa exploratória. que para Lakatos e Marconi (2003, p. 52) é “quando a pesquisa se encontra na fase preliminar”, sua finalidade é “proporcionar mais informações sobre o assunto”, ou seja, possibilita “sua definição e seu delineamento”, isso quer dizer que, fica muito mais fácil delimitar o tema da pesquisa; fixar os objetivos; formular as hipóteses ou até mesmo “descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto”.

Quanto à natureza trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois seu foco é analisar e interpretar os documentos recuperados e que, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70), “os dados coletados nesse tipo de pesquisa são descritivos, que retrata o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada”. A preocupação é mais com o processo do que com o produto. Já na análise dos dados coletados “não há preocupação em comprovar

hipóteses previamente estabelecidas, porém essas não eliminam a existência de um quadro teórico que direcione a coleta, a análise e interpretação dos dados”.

Quanto aos procedimentos metodológicos foram adotadas, nesta pesquisa, duas estratégias de coleta de dados: a pesquisa bibliográfica e a entrevista com especialista na área.

A pesquisa bibliográfica segundo Lakatos e Marconi (2017, p. 33), é considerada um tipo específico de produção científica: elaborada “com base em textos, como em livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revisas, resenhas, resumos”. Sendo que, atualmente, é predominante o entendimento de que, artigos científicos “constituem o foco primeiro dos pesquisadores” uma vez que, “é neles que se pode encontrar conhecimento científico atualizado”.

Para reunir o conjunto de publicações para compor a pesquisa, seguiu-se as quatro fases da pesquisa bibliográfica apontadas por Lakatos e Marconi (2003): identificação, localização, compilação e fichamento. Inicialmente, foram realizadas as buscas em diversas bases de dados a fim de identificar a disponibilidade de documentos com os seguintes termos: Biblioterapia; Transtornos Comportamentais; Transtornos Mentais. A coleta de dados foi realizada de forma automática para buscar, artigos científicos, teses, dissertações e outros títulos, na qual foi verificada a relevância das obras em relação à temática abordada no estudo, nas seguintes bases de dados: BRAPCI (Base de Dados em Ciência da Informação) SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*), LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), a BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações), a base de dados LISA (*Library & Information Science Abstracts*) e o Repositório Institucional da UFSC-primeira Universidade a incluir uma disciplina de biblioterapia no Brasil.

Após a identificação, realizou-se a seleção dos estudos primários, em consonância com a questão norteadora do estudo. Foram identificados 593 documentos no total. No entanto, por ser uma grande quantidade de materiais, foi realizado um refinamento ainda maior, cujos critérios estão definidos a seguir, e foram selecionados apenas os que mais se aproximavam do tema do estudo. Para a seleção dos documentos recuperados foram listados os seguintes critérios de inclusão:

- artigos publicados em português, pela falta de domínio em outros idiomas;
- artigos publicados na íntegra que abordassem a temática referente à revisão de literatura;
- artigos, teses e dissertações sem data específica do início, no entanto, finalizados em 2019, já que, a literatura referente ao tema é bastante limitada.

Após análise exploratória foram excluídos 579 documentos por não atenderem aos critérios de inclusão. Cabe esclarecer que a primeira leitura para excluir essa quantidade de documentos foi feita apenas pelo título dos artigos e, dessa forma, constatou-se que, a maioria estava em língua estrangeira e outros não abordavam o tema proposto. Portanto, foram selecionados para a pesquisa apenas dezenove artigos, que mais se aproximavam do assunto a ser discutido. Entretanto, após primeira leitura do texto completo, três abordavam o tema de forma repetitiva e dois não abordavam especificamente o referido tema como foco da pesquisa. Dos 19 documentos selecionados, apenas 14 foram incluídos para compor o corpus da pesquisa. Em seguida foi realizado o fichamento dos documentos recuperados para a posterior análise. Outros documentos foram revisados manualmente, tais como livros, revistas e anais de eventos da área de pesquisa abordada para identificar estudos relevantes. Na figura 3 está apresentado o fluxograma do processo de seleção dos artigos.

Figura 3 - Fluxograma – Processo de seleção dos artigos.



Fonte: elaboração própria

## **6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

### **6.1 ANÁLISE DA LITERATURA**

A partir da análise dos documentos identificados nas pesquisas foram incluídos, neste estudo, quatorze artigos que forneceram embasamento teórico para compor esta discussão e constam do quadro 4. A análise terá como base os objetivos específicos definidos neste trabalho de pesquisa.



Quadro 4 - Síntese dos artigos dos autores que compuseram esta pesquisa.

<b>Título do Artigo</b>	<b>Autor</b>	<b>Base de dados</b>	<b>Ano</b>	<b>Objetivo principal do estudo</b>	<b>Método</b>	<b>Conclusão</b>
Interfaces entre a biblioterapia e a responsabilidade social do bibliotecário.	FERREIRA, Fernanda Bernardo; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro	SCIELO	2018	Apresentar o conceito dos termos, associando a biblioterapia e Responsabilidade Social - RS ao contexto da atuação bibliotecária.	Pesquisa exploratória, qualitativa e bibliográfica	O estudo apresentado concluiu que é possível o conhecimento da biblioterapia e do exercício da Responsabilidade Social - RS no âmbito do trabalho do profissional bibliotecário, proporcionando uma melhor compreensão do tema abordado. O bibliotecário consciente da relevância de seu papel e do poder de transformação do qual ele é participante efetivo, torna-o agente indispensável da prática bibliotecária, permitindo que outras formas de melhoria sejam distribuídas e conhecidas a todos os usuários.
A aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social	ALVES, Maria Helena Hees	BRAPCI	1982	Demonstrar a possibilidade de atuação da biblioterapia dentro de um sistema carcerário.	Estudo bibliográfico e estudo de caso	A biblioterapia pode ser aplicada como terapia auxiliar nos sistemas carcerários por ser um meio eficaz para recuperar indivíduos psicologicamente doentes. No entanto, existe uma dificuldade muito grande para aplicação nos sistemas prisionais devido à falta de uma infraestrutura adequada, pois a aplicação da biblioterapia nessas instituições fica condicionada a existência de uma biblioteca.

A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor.	FONSECA, Karla Haydê Santos	BRAPCI	2014	Discutir a leitura dos clássicos como uma possibilidade terapêutica no âmbito da biblioterapia	Estudo bibliográfico	O estudo admite a potencialidade da leitura dos clássicos como um recurso útil para o desenvolvimento pessoal e bem-estar daqueles que usufruem das atividades biblioterapêuticas
Biblioterapia aplicada em contexto de saúde mental: um estudo de caso	Ana Mafalda Carvalho Silva	SCIELO	2014	Aplicar a Biblioterapia em pessoas com perturbação mental.	Estudo de caso	Conclui que a biblioterapia é eficaz no tratamento da maioria dos transtornos mentais. Em seu estudo de caso foi verificado que as sessões de biblioterapia fomentaram a comunicação e a partilha dos sentimentos e emoções e desempenha um papel importantíssimo na abertura dos horizontes destes pacientes, funcionando como uma ponte entre ao seu fechamento e a tão desejada libertação.
Projeto biblioterapia, a leitura para usuários do centro de atenção psicossocial álcool e drogas III como forma de reflexão de vida: relato de experiência	Alexandro Marcos Menegócio; Luciane Gatti Perez Pivello; Patrícia Helena Breno Queiroz; Gisela Cardoso Ziliotto	BRAPCI	2019	Evidenciar as contribuições significativas da biblioterapia na vida de pacientes com transtornos mentais.	Estudo de caso	Verificou-se que a biblioterapia como prática biblioterapêutica é um recurso útil aplicado a doentes mentais, pois proporciona bem-estar, motiva a comunicação e compartilhamento de sentimentos e emoções. A prática biblioterapêutica melhora questões de fragilidade, angústia, depressão, isolamento advindo principalmente de momentos de internação e pós-internação.

Biblioterapia como recurso para a formação humana do bibliotecário	SOUSA, Carla	BRAPCI	2018	Apresentar o conceito de Educação humanizadora de Paulo Freire e do papel da literatura enquanto recurso humanizador.	Pesquisa bibliográfica	A biblioterapia é um recurso útil para a formação humana do bibliotecário. No entanto, para que essa formação humana seja possível torna-se necessário que se inclua o estudo e a prática da biblioterapia ao longo da graduação dos cursos de Biblioteconomia, pois essa é uma maneira de criar espaços de contato com o sensível dentro de um curso que tem apresentado características cada vez mais técnicas.
A leitura como função terapêutica: biblioterapia	Clarisse Fortkamp Caldin	SCIELO	2001 a	Mostrar que a biblioterapia clássica admite a possibilidade de terapia por meio da leitura de textos literários.		A biblioterapia constitui-se em uma atividade interdisciplinar, podendo ser desenvolvida em parceria com a Biblioteconomia, a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia e a Enfermagem. Tal interdisciplinaridade confere-lhe um lugar de destaque no cenário dos estudos culturais.
Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar	LUCAS, Elaine R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da.	SCIELO	2006	Identificar quais as contribuições da aplicação da biblioterapia nas crianças em idade pré-escolar.	Estudo de caso	Acredita-se que o bibliotecário, em parceria com outros profissionais, pode ser um profissional atuante na realização de atividades socioculturais, pois, ao realizarem um estudo de caso em uma creche com crianças em idade pré-escolar identificaram que os efeitos terapêuticos das atividades biblioterapêuticas contribuíram para o envolvimento com diferentes tipos de textos literários, ampliando a visão das crianças e fornecendo acesso à cultura geral.
Biblioterapia: percepções dos discentes dos cursos de Biblioteconomia	GARCIA, Inez Helena	LISA	2015	Investigar quais são as percepções que os discentes dos cursos de Biblioteconomia das Universidades Federal e	Análise do Discurso	A biblioterapia para os discentes do curso de Biblioteconomia é uma terapia por meio da leitura e do livro que promove o bem-estar, proporciona um novo olhar para a vida e tem uma função terapêutica. Além disso, entendem a

das universidades federal e estadual de Santa Catarina				Estadual de Santa Catarina Análise do Discurso tem da Biblioterapia.		biblioterapia como técnica/prática da Biblioteconomia e ressaltam a sua importância como possível instrumento de transformação e integração social.
Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas	SEITZ, Eva Maria	BDTD	2006	Experenciar a prática biblioterapêutica com pacientes internados em Clínica Médica, procurando mostrar um novo campo de atuação para o bibliotecário e a possibilidade de aplicação da biblioterapia.	Estudo de caso	Demonstrou que a biblioterapia é recurso útil no processo de hospitalização, como fonte de lazer e de informação, na interação biblioterapeuta/paciente/enfermagem e, no processo de sociabilização.
A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário	PINTO, Virginia Bentes.	SCIELO	2005	Refletir sobre o campo de atuação da Biblioteconomia no contexto da sociedade contemporânea para, em seguida, pensar sobre a biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário.	Análise do Discurso	Conclui que a biblioterapia é um campo de atuação para o bibliotecário. No entanto, sua atuação deverá ser em conjunto com outros profissionais. Ao bibliotecário cabe apenas ficar encarregado de fazer a seleção, aquisição, manutenção e distribuição dos livros, além de fazer a avaliação da atividade.

A poética da voz e da letra na literatura infantil: (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças)	CALDIN, Clarice Fortkamp	UFSC	2001b	A pesquisa tem como principal objetivo o resgate dos processos de narrar e ouvir textos literários destinados às crianças em projetos desenvolvidos em hospitais, bibliotecas e escolas.	Estudo bibliográfico	Conclui que a articulação do literário com a biblioterapia permite enfocar a leitura como catarse, consolo e entretenimento, que envolvem emocionalmente os agentes com a narrativa ficcional.
Leitura e Terapia.	CALDIN, Clarice Forkamp	UFSC	2009	Desvelar o ato de ler na sua essência, compreender o que é pertinente, significativo e relevante sobre o fenômeno da leitura.	Método fenomenológico	A leitura, narração ou dramatização de um texto literário produz um efeito terapêutico ao moderar as emoções, permitir livre curso à imaginação e proporcionar a reflexão - seja pela catarse, identificação ou introspecção.
Biblioterapia na Ciência da Informação: Comunicação e Mediação	GUEDES, Mariana Giuberti; BAPTISTA, Sofia Galvão	UFSC	2013	Apresentar uma reflexão crítica sobre a Biblioterapia como objeto de estudo da Ciência da Informação (CI) e avalia, nesta perspectiva, as características intrínsecas da Biblioterapia dentro da fundamentação da CI, destacando aspectos cognitivos, sociais e interdisciplinares.	Reflexão crítica	A biblioterapia é um campo de estudo da Ciência da Informação por ter características de um processo de comunicação da informação que visa à mudança cognitiva do indivíduo. No entanto, é mais associada à Biblioteconomia pelo fato de bibliotecários participarem de tal atividade e pela escolha da biblioteca como ambiente de atuação.

Fonte: Elaboração própria com base nos documentos selecionados.

Mediante a análise dos documentos recuperados foi observado que o conceito da palavra biblioterapia, inicialmente se construiu por dois termos de origem, primeiro o livro e segundo a terapia, que remete a conclusão de que se trata de uma terapia por meio dos livros, definição cunhada em 1941, pelo dicionário especializado norte americano *Dorland's Illustrated Medical Dictionary*. Seu uso era destinado apenas aos hospitais como coadjuvante no tratamento dos doentes mentais apenas em caráter corretivo (PEREIRA, 1996). Foi verificado que a biblioterapia não é uma atividade nova e que desde a antiguidade admite-se que por meio dela encontra-se alívio e cura para as dores da alma.

No entanto, o conceito de biblioterapia como tratamento para doentes mentais foi tomando outros formatos ao longo dos anos e assumiu também, um caráter preventivo expandindo-se para outros campos de atuação, como escolas, bibliotecas, hospitais, presídios, creches etc. em diferentes faixas etárias (crianças, adultos e idosos). Vários outros conceitos foram surgindo de acordo com os estudos realizados por diversos autores como Caldin (2001), Ouaknin (1996); Seitz (2006); Leite (2019); Seixas (2010); Pinto (2005) entre outros. Conforme consta no corpo desta pesquisa esses diferentes autores conceituaram a biblioterapia com um significado distinto, mas todos são unânimes em afirmar que a leitura dos livros pode ser considerada uma terapia, que segundo Ouaknin (1996), a palavra terapia tanto pode ser vista como tendo o significado de curar, como também o significado de prevenção. Apesar das inúmeras definições, foi constatado, durante as pesquisas, que ainda não foi possível definir um único conceito, ou seja, ainda não há consenso.

Em relação às práticas biblioterapêuticas, verificou-se que, vários profissionais como técnicos, psicólogos, terapeutas etc., reconhecem a sua utilidade por possibilitar uma forma de ajudar seus pacientes a ter uma melhor compreensão dos seus problemas, uma vez que, por meio da leitura de um livro os pacientes se identificam com o que está sendo lido e aplicam para si mesmo (SILVA, 2014). Fonseca (2014) reconhece que, ao realizar uma atividade biblioterapêutica é necessário um conhecimento prévio de sua clientela, deve-se fazer uma anamnese para planejar as atividades de acordo com as especificidades de cada leitor.

Alves (1982), em seus estudos, procurou demonstrar a biblioterapia como uma possibilidade de atuação como terapia auxiliar nos sistemas carcerários já que, em suas pesquisas, ela aponta que vários autores se referem à biblioterapia como um meio eficaz para recuperar indivíduos psicicamente doentes. No entanto, existe uma dificuldade muito grande para aplicação nos sistemas prisionais devido à falta de infraestrutura adequada, pois a aplicação da biblioterapia nessas instituições fica condicionada a existência de uma biblioteca.

Outras dificuldades são apontadas pela autora dentro das prisões, pois sua maioria é composta por analfabetos e semianalfabetos. Para a autora o ideal seria que as instituições penais fossem compostas por uma população homogênea. Seria uma forma de facilitar o processo de aplicação de um único plano terapêutico, o que não acontece no Brasil, pois abrigam as mais variadas categorias de delinquentes e alguns casos são imunes a qualquer tipo de tratamento.

Seitz (2006) realizou uma prática biblioterapêutica, com pacientes internados em clínicas médicas. Teve como foco verificar o nível de aceitação da leitura como atividade de lazer pelos pacientes internados em clínicas médicas. A autora verificou que a maioria dos hospitais não oferece nenhum tipo de lazer aos pacientes internados. Esses pacientes ficam por horas inertes em seus leitos. Segundo a autora, a hospitalização, ainda que seja da forma mais simples, os pacientes levam consigo uma experiência negativa. Foi pensando no sofrimento dos pacientes ao longo dos anos de experiência como profissional de enfermagem onde viu a dor de muito perto, e, também pela sua experiência como bibliotecária, que Seitz (2006) se sentiu motivada a realizar esse trabalho de prática biblioterapêutica.

Como resultado, foi possível verificar que a prática foi útil para os pacientes no processo de hospitalização servindo como “fonte de lazer e de informação, na interação biblioterapeuta / paciente / enfermagem e, no processo de sociabilização, além, de proporcionar momentos de descontração e alegria aos pacientes, contribuindo para o bem estar mental dos mesmos” (SEITZ, 2006, p. 67).

Para verificar os efeitos terapêuticos da biblioterapia em crianças em idade pré-escolar de uma creche, Lucas, Caldin e Silva (2006) realizaram um estudo de caso e identificaram efeitos positivos. Esses efeitos foram observados pelo envolvimento das crianças com os mais diferentes tipos de textos literários, alcançando os objetivos que eram ampliar a visão das crianças e fornecer acesso à cultura de uma forma geral.

Foi identificado que a participação dos bibliotecários é crescente como agente atuante nas atividades biblioterapêuticas. Foi evidenciado qual é o seu papel perante a sociedade, que é preciso ir além da sua formação de base procurando buscar uma formação complementar que o permita aplicar as práticas biblioterapêuticas de forma a alcançar os objetivos esperados. No entanto, autores como Pinto (2005) e Pereira (1996) acreditam que o bibliotecário é o profissional mais adequado apenas para realizar a tarefa de seleção, aquisição, manutenção e distribuição dos livros ou materiais, por possuir respaldo tanto da parte teórica como na parte técnica, para trabalhar com a informação. Para as autoras esse conhecimento é imprescindível para que as práticas de leituras terapêuticas, possam se construir de forma multidisciplinar. Defendem ainda, a atuação do bibliotecário somente em

conjunto com outros profissionais. Para Hasse (2004 apud GUEDES; BATISTA, 2013), o bibliotecário pode aplicar a biblioterapia somente após um curso de capacitação. Já Caldin (2010) diz que o bibliotecário, mesmo fazendo curso de capacitação, não pode ser considerado um biblioterapeuta e sim um aplicador de biblioterapia. Alves (1982) também questiona a atuação do bibliotecário e diz que existe uma dificuldade em reconhecer o bibliotecário como biblioterapeuta e propõe que o bibliotecário seja considerado como um bibliotecário clínico, “com conhecimento de Psicologia e relações humanas, especialmente treinado para essa atividade” (ALVES, 1982, p. 56).

Quanto aos benefícios da biblioterapia para as pessoas com transtornos mentais verificou-se que a biblioterapia, como prática biblioterapêutica, é um recurso útil aplicado aos portadores de transtornos mentais, pois proporciona bem-estar, motiva a comunicação e o compartilhamento de sentimentos e emoções. A prática biblioterapêutica ajuda os pacientes a ter uma melhor qualidade de vida, uma vez que, melhora nas “questões de fragilidade, angústia, momentos depressivos, de isolamento advindo principalmente de momentos de internação e pós-internação dos portadores de transtornos mentais” (MENEGÓCIO et al, 2019, p. 66).

Já Ana Mafalda Carvalho Silva (2014) executou um trabalho com um grupo de pessoas adultas com necessidades psicossociais, com idades entre 21 e 49 anos, frequentadoras da Unidade Comunitária dos Cuidados Psiquiátricos de Odivelas – UCCPO e confirma que a Biblioterapia é eficaz no tratamento da maioria dos transtornos mentais. Em seu estudo de caso foi verificado que as sessões de Biblioterapia “fomentaram a comunicação e a partilha dos sentimentos e emoções”, uma vez que os participantes se sentiam mais à vontade para falar de assuntos pessoais por se sentirem mais protegidos. Para a autora, a “Biblioterapia desempenha um papel importantíssimo na abertura dos horizontes destes pacientes, funcionando como uma ponte entre ao seu fechamento e a tão desejada libertação” (SILVA, 2014, p. 186).

Entretanto, não foi possível um maior aprofundamento quanto aos benefícios da biblioterapia em ambientes psiquiátricos, por falta de estudos e projetos que contemplem esse público-alvo, publicados nas bases de dados pesquisadas.

Quanto aos projetos realizados no Distrito federal vale destacar o trabalho de conclusão de curso de Bacharel em Biblioteconomia da aluna Thays Bezerra Dias com o tema: *A contação de histórias como fator biblioterapêutico: estudo de caso no Hospital de Base do Distrito Federal*, realizado em 2018, que teve como objetivo verificar se a contação de histórias tem efeitos biblioterapêuticos em pacientes do Hospital de Base do Distrito



Federal (HBDF) realizada pelo Grupo de Contação de Histórias (GCH) atuante no HBDF em 2018. Como resultado foi possível verificar que as contações de histórias oferecem aos pacientes, conforto, diversão, alegria, distração, interação, dentre outros, afirmando os vários significados que a biblioterapia tem, uma vez que, geram modificações na percepção dos indivíduos e auxiliam na diminuição dos sentimentos negativos gerados pelo processo de internação, sendo uma contribuição terapêutica. O processo da contação de histórias possibilita aos pacientes a fuga da realidade, a interação e diálogo com pessoas que passam pela mesma situação e com pessoas que entendem a sua atual condição, permitindo a criação de empatia e amorosidade. Disponível em:

[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/20900/1/2018\\_ThaysBezerraDias\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/20900/1/2018_ThaysBezerraDias_tcc.pdf).

## 6.2 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS POR MEIO DA ENTREVISTA

A entrevista em análise foi realizada por Claudia Alves Pimenta, no dia 10 de julho de 2020, via e-mail, enviada na mesma data e recebida no dia 18 de julho de 2020. A entrevista foi realizada com Carla Sousa, Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora e consultora de Biblioterapia. Ministra palestras, oficinas e encontros vivenciais. A escolha da entrevistada se deu pelo fato de ela ter sido orientada em seu mestrado com o tema em biblioterapia da professora Dra. Clarice Fortkamp Caldin e ter um conhecimento mais profundo sobre biblioterapia.

Escolheu-se o tipo de entrevista padronizada ou estruturada, pois, nesse tipo de entrevista o “entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são pré-determinadas” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 197). Portanto, o roteiro da entrevista contou com 11 perguntas sobre o tema abordado com a finalidade de buscar uma resposta para as inquietações de como a biblioterapia pode contribuir de forma efetiva para melhorar a saúde mental contribuindo para uma melhor qualidade de vida das pessoas de um modo geral e mostrar que a biblioterapia é um campo de atuação para o bibliotecário.

Conforme os dados coletados na entrevista, fica evidente que a biblioterapia é uma ferramenta poderosa que alcança todas as pessoas de qualquer faixa etária e não se limita apenas a pessoas que estão doentes. Quanto ao conceito de biblioterapia pelo que foi analisado na entrevista ainda continua sem uma definição única e a entrevistada diz que prefere chamar a biblioterapia como sendo uma “Mediação Afetuosa da Literatura”, uma prática de cuidado com o ser humano. E o que mais importa nesse cuidado é que a pessoa seja

afetada pelas histórias literárias e pelas histórias compartilhadas no grupo. Não limitando quais pessoas que podem participar.

A entrevistada deixa claro que existem apenas dois tipos de biblioterapia: biblioterapia de desenvolvimento e a biblioterapia clínica. A biblioterapia clínica só pode ser realizada por psicólogos, psicanalistas e terapeutas, portanto, é necessário que se faça um conhecimento prévio para observar os problemas de cada indivíduo e escolher as leituras a partir desses aspectos. Nesse tipo de biblioterapia cabe ao bibliotecário apenas se restringir as atividades que lhe são peculiares como a seleção e aquisição do material de acordo com as reais necessidades dos usuários.

Já a biblioterapia de desenvolvimento, é o tipo de biblioterapia que o bibliotecário pode se envolver com suas práticas sem se preocupar com o conhecimento prévio nem com a necessidade de se especializar em outras áreas do conhecimento como a psicologia. Como explica a entrevistada, esse tipo de biblioterapia pode ser realizada com grupos de pessoas, com temas universais próprios de todos os seres humanos, como “amor, saudade, medo, solidão, felicidade. Nesse sentido, o objetivo não é aplicar um tratamento específico, mas sim proporcionar um espaço de cuidado e de partilha para as pessoas”.

Pode-se verificar que em relação aos benefícios da biblioterapia para as pessoas com transtornos mentais não foi possível identificar na entrevista, uma vez que, segundo a entrevistada, para trabalhar com essa clientela somente com a biblioterapia clínica dependendo de cada caso, para os quais necessita contar com a participação efetiva de profissionais de saúde. No entanto, os resultados apontaram que a biblioterapia, mesmo sendo a de desenvolvimento, não exclui nenhuma pessoa e, nesse caso, as pessoas com transtornos mentais não estão impedidas de participar das práticas biblioterapêuticas. A entrevistada esclarece que a biblioterapia é um campo no qual prevalece, sobretudo, a visão humana sobre o ser.

Para a entrevistada quem pretende trabalhar com a biblioterapia seja clínica ou de desenvolvimento é preciso estudar bastante, se apropriar da teoria e entender o verdadeiro significado do que é a biblioterapia e ter vivência prática nessa área, e entender quais os limites enquanto profissional. O que não dá para fazer é sair por aí realizando as práticas biblioterapêuticas de qualquer maneira. “É um trabalho que requer cuidado, paixão, entrega e verdade”.

## 7 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os resultados apontaram que, no que se refere à definição do termo biblioterapia, os autores examinados ainda não apresentam concordância entre si, portanto, as críticas se voltam para a falta de uma única definição. Vários outros conceitos foram surgindo de acordo com os estudos realizados por diversos autores como Caldin (2001), Ouaknin (1996), Seitz (2006), Leite (2019), Seixas (2010), Pinto (2005) entre outros. No entanto, quando se trata do poder terapêutico da leitura percebe-se que os conceitos entre os autores analisados estão interligados de alguma forma, que entendem a biblioterapia como um método terapêutico que vem sendo utilizado desde os tempos primórdios como coadjuvante no tratamento dos doentes mentais. Portanto, é uma temática antiga, mas, ao longo de vários anos vem sendo discutida por vários profissionais de diferentes áreas e a biblioterapia foi deixando de ser vista apenas para tratar doentes mentais em ambiente hospitalar. A biblioterapia foi se estendendo a diversos campos de atuação como escolas, bibliotecas, presídios, creches etc. e para pessoas em diferentes faixas etárias. “Não há restrições de idade. Nem de público-alvo. Crianças, jovens, adultos, idosos, portadores de necessidades especiais, doentes crônicos, dependentes químicos – todos são merecedores dos efeitos benéficos da leitura” (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p. 402).

Quanto aos resultados obtidos sobre os tipos de biblioterapia, autores como Pereira (1996) em concordância com outros especialistas apresentam que a biblioterapia têm três tipos: Institucional, Clínica e de Desenvolvimento. Mediante os documentos analisados verificou-se que a biblioterapia Institucional não foi relatada em nenhuma prática biblioterapêutica. Esse tipo de biblioterapia é a que se refere ao uso de literatura primeiramente didática com clientes individualmente e que se encontra institucionalizada. Já a biblioterapia Clínica é relatada por Silva (2014) que é psicóloga e por Cristiana Seixas (2010) também psicóloga. A biblioterapia clínica é a que se refere ao uso da leitura imaginativa com grupos de clientes/pacientes com problemas emocionais ou comportamentais. Caldin (2001, 2009, 2010) e Sousa (2018) são unânimes em afirmar que existem apenas dois tipos de biblioterapia: a Clínica que foi relatada acima e a de Desenvolvimento que faz parte das práticas biblioterapêuticas dessas autoras. É um tipo de biblioterapia que se utiliza da literatura de modo imaginativo e didático com grupos de indivíduos “normais” para ajudar as pessoas a realizarem tarefas comuns e ajudar com os problemas cotidianos como gravidez, morte, preconceitos etc.

Os resultados evidenciaram que as práticas biblioterapêuticas devem ser muito bem planejadas, levando-se em consideração as especificidades de cada caso a ser tratado. Lembrando que a pessoa é um ser individual, com características que lhe são peculiares e, para isso, o profissional que irá realizar essa prática deve estar preparado para observar essas peculiaridades. No caso do bibliotecário sua formação precisa ir além do saber técnico, sendo essencial a formação terapêutica para trabalhar com doentes mentais e, ainda, fundamentar-se em atitudes éticas, integridade moral, empatia e autoconhecimento. Foi evidenciado que o diálogo é um elemento fundamental nas práticas biblioterapêuticas, tanto do ponto de vista curativo como preventivo. Como explica Caldin (2010, p. 126), a biblioterapia, “utiliza a fala como coadjuvante terapêutico na forma do diálogo que o texto literário ensaja”.

Os dados parecem confirmar os resultados obtidos no estudo de Silva (2014) que as práticas biblioterapêuticas para os portadores de transtornos mentais fomentam a comunicação e também “a partilha dos sentimentos e emoções”, uma vez que, os participantes se sentem mais a vontade para falar de assuntos pessoais por se sentirem mais protegidos. Ainda segundo a autora, a “Biblioterapia desempenha um papel importantíssimo na abertura dos horizontes destes pacientes, funcionando como uma ponte entre o seu fechamento e a tão desejada libertação” (SILVA, 2014, p. 186).

A biblioterapia poderia contribuir, de forma muito mais significativa, com maior abrangência no tratamento dos transtornos mentais se o Projeto de Lei nº 4186/2012 que estabelece o uso da biblioterapia – ou seja, a prescrição de leitura com fins terapêuticos – nos hospitais públicos e naqueles contratados ou conveniados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), proposto pelo deputado Giovani Cheriri, tivesse sido aprovado, como pode ser verificado no projeto de lei em anexo. No entanto, a Comissão de Seguridade Social e Família rejeitou a proposta e até o presente momento encontra-se arquivada.

Os resultados da revisão de literatura apontaram que a biblioterapia, mesmo tendo a sua eficácia comprovada, ainda não está consolidada. No entanto, a sua base teórica está muito bem alicerçada em diversas áreas e, portanto, é considerada interdisciplinar. Em síntese, os resultados obtidos em todos os documentos analisados, evidenciaram que a biblioterapia é uma técnica eficaz e pode ser aplicada nos mais diferentes contextos e campos de atuação atendendo aos mais diversos públicos.

Como diz Ferreira (2014, p. 8), a biblioterapia não é “panacéia para todos os males humanos, é, com certeza, uma terapia complementar para apoiar milhões de pessoas que, ano após ano, experimentam a frustração, o desânimo, estresses, fobias, ansiedades, depressão, causando o desequilíbrio emocional”.

Os dados obtidos na entrevista confirmaram que a biblioterapia é um instrumento poderoso que alcança todas as pessoas de qualquer faixa etária e não se limita apenas a pessoas que estão doentes. É uma prática de cuidado com o ser humano. E o que mais importa nesse cuidado é que a pessoa seja afetada pelas histórias literárias e pelas histórias compartilhadas no grupo. Não limitando quais pessoas podem participar.

As limitações para este estudo foram evidenciadas pela falta de artigos, teses e dissertações nas bases de dados pesquisadas, e a limitação quanto ao domínio de idiomas por parte da autora. Os resultados do estudo seriam mais conclusivos se os documentos analisados tivessem dados mais precisos que mostrassem, de forma mais clara, sobre o tema proposto para este trabalho de monografia.

Fica em aberto a possibilidade de um maior aprofundamento do tema, principalmente teses e dissertações e que sejam disponibilizados em bases de dados para estudos futuros que tragam resultados mais apurados, que contemplem a população de doentes mentais com abrangência em todas as faixas etárias, com a finalidade de verificar a eficácia da sua aplicabilidade como recurso terapêutico. Saber quais são os tipos de transtornos mentais mais tratáveis com a biblioterapia e quais são os métodos mais eficazes para a prática biblioterapêutica. Sugere-se, também, que a disciplina “Biblioterapia” seja incluída no curso de Biblioteconomia de outras universidades brasileiras, oferecida a possibilidade aos alunos de conhecer os vários campos de atuação das práticas biblioterapêuticas e seus benefícios.

Por fim, ao longo deste trabalho, foi possível conhecer a importância da leitura na vida das pessoas que sofrem com transtornos mentais e foi pensando nessa população que chegou-se até aqui, não como conclusão, mas alimentando a esperança de dar continuidade a este trabalho de pesquisa com estudos de caso em casas de recuperação no Distrito federal para que as questões discutidas aqui possam ser expostas para gerar inquietações e reflexões entre os atuais e futuros formandos que queiram mergulhar nesse lindo universo que é a Disciplina Biblioterapia.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Helena Hees. **A aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/view/0000003179/c1437043a744414cdb405688c5db20cb> Acesso em 23 de janeiro de 2020.
- AMARAL, Osvaldo Lopes. **Transtornos Mentais**. Instituto de Estudos e Orientação da Família. Editora: Água Branca. São Paulo, 2011.
- American Psychiatric Association. (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 (5a ed.; M. I. C. Nascimento, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Ed. 1. Editor: Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Ed. 12. Editor: Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Editor: Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2007.
- Brasil. Ministério da Saúde. **Profissionalização de auxiliares de enfermagem: cadernos do aluno: saúde mental** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde, Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem. - 2. ed., 1.a reimpr. - Brasília: Ministério da Saúde; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.  
Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/profae/pae\\_cad7.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/profae/pae_cad7.pdf) Acesso em 23 de abril de 2020.
- CALDIN, C. F. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.
- CALDIN, Clarisse Fortkamp. **A leitura como função terapêutica: Biblioterapia**. 2001 a. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download/36/5200+&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>. Acesso em 13 out. 2019.
- CALDIN, Clarice Forkamp. **Leitura e Terapia**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Literatura – 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92575> Acesso em 23 de abril de 2020.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **A poética da voz e da letra na literatura infantil**: (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). 2001b. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/81866> Acesso em 14 dez. 2019.

CURY, Augusto. **Ansiedade: Como enfrentar o mal do século**. 1. ed. Rio de Janeiro. Editora: Saraiva, 2013.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 2. ed. Porto alegre: Editora Artmed, 2008.

FELIZARDO, Romero Katia [et. al.]. **Revisão sistemática da literatura em engenharia de software: teoria e prática** - 1. ed: Elsevier, Rio de Janeiro 2017.

FERREIRA, Fernanda Bernardo; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Interfaces entre a biblioterapia e a responsabilidade social do bibliotecário. **Revista Conhecimento em Ação**, v. 3, n. 2, p. 107-119, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/109290>. Acesso em: 13 de maio 2020.

FONSECA, Karla Haydê Santos. A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor. Reading the classics as a bibliotherapeutic therapy: for a better living . **Revista ACB**, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 6-12, mar. 2014. ISSN 1414-0594. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/841>. Acesso em: 29 de maio 2020.

GARCIA, Inez Helena. Biblioterapia: percepções dos discentes dos cursos de Biblioteconomia das universidades federal e estadual de Santa Catarina. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 20, n. 43, ago. 2015. ISSN 1518-2924. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/132443/333243.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 30 abr. 2020.

GUEDES, Mariana Giuberti; BAPTISTA, Sofia Galvão. Biblioterapia na Ciência da Informação: Comunicação e Mediação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 231-253, abr. 2013. ISSN 1518-2924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p231/24527>. Acesso em: 11 jul. 2020.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados** - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. - 12. ed. - São Paulo: Atlas 2017.

LEITE, Ana Cláudia. **Fundamentos de Biblioterapia**. Editora: Clube de Autores. São Paulo, 2019.

LUCAS, Elaine R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte , v. 11, n. 3, p. 398-415, Dec. 2006 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141399362006000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141399362006000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 22 de abril de 2020

MENEGÓCIO, Alexandro Marcos; PIVELLO, Luciane Gatti Perez; QUEIROZ, Patrícia Helena Breno; ZILIOTTO, Gisela Cardoso. **Projeto biblioterapia, a leitura para usuários do centro de atenção psicossocial.** (2019). Disponível em:

< <http://www.revistaintellectus.com.br/ArtigosUpload/55.649.pdf> Acesso em 14 out. 2019.

MINAYO, M. C. S. **Ciência Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social.** Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes e Maria de Souza Minayo (org.). Petrópoles, Vozes, Rio de Janeiro, 1995.

NUNES, Maria Angélica Antunes. **Transtornos Alimentares e Obesidade.** José Carlos Apolinário, Ana Luiza Galvão Abuchaim, Waldir Coutinho [et al] - Porto Alegre: Artmed, 1998.

OMS. **Folha informativa – Depressão** - 2018. Disponível em:

[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095). Acesso em 13 de outubro de 2019

OUAKNIN, Marc -Alain. **Biblioterapia.** Edições Loyola. São Paulo, 1996.

PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas.** João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 1996.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário.

**Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, Abril, 2005. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-37862005000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862005000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 02 Janeiro 2020

RODRIGUES, Rache Dartagnan, et. al. **O que são transtornos mentais?** Caderno 1 - Rio de Janeiro: América Gráfica e Editora Ltda, 2011.

RUDAKOFF, Ana Lída. **Biblioterapia.** São Paulo: Ed. FSC., 2014.

SANTOS, Gilbert. **Biblioterapia interativa como prática inovadora em serviço: foco no cenário inclusivo.** Oxford, São Paulo, 2019.

SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médica, 2006. **Revista ACB**, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 155-170, nov. 2006. ISSN 1414-0594.

Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/452/567>. acesso em 12 de fevereiro de 2020.

SEIXAS, Cristiana. **Vivências em Biblioterapia.** São Paulo: Ed. Cândido, 2010.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes depressivas: as três dimensões da doença do século.** - 1. ed. - São Paulo: Principium, 2016.

SILVA, Ana Mafalda Carvalho. **Biblioterapia aplicada em contexto de saúde mental: um estudo de caso.** (2014). Disponível em:



[http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5059/DM\\_AnaMafalfaSilva.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5059/DM_AnaMafalfaSilva.pdf?sequence=1). Acesso em 10 out. 2019.

SOUSA, Carla. Biblioterapia como recurso para a formação humana do bibliotecário. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 23, n. 3, p. 362-371, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/109176>. Acesso em: 13 de maio 2020.

**ANEXO****CÂMARA DOS DEPUTADOS****PROJETO DE LEI Nº, DE 2012.**

(Do Sr. Giovani Cherini)

**Dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS. O Congresso Nacional decreta:**

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS.

Art. 2º A biblioterapia integra o conjunto das ações de saúde oferecidas pelo SUS.

§1º Os materiais de leitura com função terapêutica só poderão ser prescritos e vendidos para os fins estabelecidos nesta Lei após autorização do Ministério da Saúde.

§2º A autorização de que trata o §1º deverá considerar a eficácia terapêutica da obra.

§3º Das obras autorizadas pelo Ministério da Saúde para biblioterapia constará o número da autorização seguido do selo “RECOMENDADO PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE”. Art. 3º Os familiares do paciente, mediante recomendação médica, também poderão receber a prática terapêutica biblioterápica nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados no Sistema Único de Saúde.

Art. 4º Fica autorizada a venda de obras biblioterápicas em farmácias, drogarias e livrarias.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**JUSTIFICAÇÃO**

A Biblioterapia não é uma técnica atual. O uso da leitura com fim terapêutico vem da Idade Antiga. Registros mostram que, no antigo Egito, as bibliotecas eram vistas como locais de conhecimento e espiritualidade. Os gregos também associavam os livros ao tratamento médico e espiritual, concebendo suas bibliotecas como “a medicina da alma”.

Em 1802, pesquisadores já recomendavam a leitura como terapia para doentes de um modo em geral e, em 1810, passou a recomendar como apoio à psicoterapia para crianças, adolescentes, adultos e idosos que estivessem com problemas referentes à depressão, conflitos internos, medos e fobias relacionados a doenças graves.

A partir do século XX as práticas biblioterapêuticas começaram a disseminar-se, inicialmente nos EUA, a partir dos profissionais das bibliotecas hospitalares, começando a despertar o interesse e a curiosidade dos profissionais da área, posteriormente, alastrando-se por toda a Europa.

Durante muito tempo a biblioterapia foi utilizada em hospitais sob orientação de profissionais da área da saúde, passando a partir de 1904, a ser considerado também como um ramo da Biblioteconomia (PEREIRA, 1989). Hoje, vem sendo desenvolvida por equipes interdisciplinares com constante participação dos bibliotecários, psicólogos e médicos, sendo no Brasil, as Regiões Sul e Nordeste as que concentram os maiores índices de aplicabilidade biblioterapêutica.

A aplicação da Biblioterapia em pacientes adultos internados em unidades hospitalares tem como pretensão proporcionar uma internação menos dolorosa e agressiva, humanizando o tratamento hospitalar.

São vários os projetos desenvolvidos envolvendo a prática terapêutica de biblioterapia no país, sendo um exemplo a ser copiado o desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2001, que utilizou os recursos da Política Nacional de Incentivo à Leitura, para reunir uma gama de profissionais dos cursos de letras, psicologia e medicina, no objetivo de aplicação da biblioterapia nas pediatrias de hospitais de Porto Alegre e de Joinville. O resultado deste trabalho foi a redução, estatisticamente comprovada, da insônia, resgate do lúdico, alívio das dores e dos medos advindos da doença e do ambiente hospitalar.

Diante desse contexto, e do amplo aparato acadêmico internacional, afirmando a eficácia desta terapia no ambiente hospitalar, alcançando cura ou minimização dos sintomas de até 80%, vemos como uma necessidade premente a adoção desta terapia no Sistema Único de Saúde, fornecendo ao cidadão brasileiro práticas modernas para tratamento da depressão e humanização do ambiente hospitalar.

Para sanar esta lacuna, e em conformidade com as orientações da Organização Mundial de Saúde quanto à inserção de métodos tradicionais e alternativos complementares nos sistemas nacionais de saúde, espero o apoio dos ilustres pares na aprovação do presente projeto.

Sala das sessões, 2012.

Deputado Giovanni Cherini

## APÊNDICE A

Carla Sousa Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora e consultora de Biblioterapia. Ministra palestras, oficinas e encontros vivenciais. Email: carla\_sou@hotmail.com Redes sociais: @dosesdebiblioterapia (Facebook e Instagram)

CARLA SOUSA fala da sua trajetória e dedicação à Biblioterapia e relata qual tipo de biblioterapia ela utiliza nas práticas biblioterapêuticas.

### Dados brutos da entrevista

#### 1. Como, quando e por que você se interessou pela biblioterapia?

Eu descobri a Biblioterapia durante o curso de Biblioteconomia na Universidade Federal de Sergipe. Certa vez, uma professora comentou por alto sobre esse termo e disse que a Biblioterapia também era uma área de atuação do bibliotecário. Aquilo me chamou a atenção. Eu sempre gostei mais do aspecto humano e social do curso e sempre gostei muito de ler literatura. Naquele momento, por volta de 2012, eu comecei a pesquisar sobre o tema e descobri que na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tinha uma professora, da Biblioteconomia, que era referência na área de Biblioterapia, a professora Dra. Clarice Fortkamp Caldin. Li o livro e os artigos dela e decidi que queria estudar com ela na UFSC, em Florianópolis. No meio do caminho eu abandonei o curso de Biblioteconomia e entrei para o mestrado da UFSC, pois eu já tinha uma graduação em Jornalismo. Então, de 2015 a 2017 eu fui orientanda da Profa. Clarice, na Pós-graduação em Ciência da Informação da UFSC. E foi ali que eu me especializei e me apaixonei ainda mais pela temática. Ao terminar o mestrado, eu comecei a ministrar oficinas e promover encontros e criei a página Doses de Biblioterapia no Facebook e Instagram para disseminar essa temática. E desde 2017 eu me dedico exclusivamente à Biblioterapia e mais do que um trabalho é uma grande paixão que eu tenho o privilégio de compartilhar com mais pessoas.

#### 2. Conte um pouco sobre sua formação com a professora Clarice Caldin

Eu iniciei o mestrado em 2015, na UFSC e tive o privilégio de ter a professora Clarice Fortkamp Caldin como orientadora, mas mesmo antes de entrar no mestrado eu já conhecia e admirava o seu trabalho. Os dois anos de mestrado foram muito enriquecedores para mim pessoal e profissionalmente. Juntas, desenvolvemos uma pesquisa muito interessante sobre a

prática da Biblioterapia no Brasil e na Polônia que resultou na dissertação ao final do mestrado, é um trabalho que me orgulho de ter escrito a quatro mãos com a professora Clarice. E para coroar essa parceria, logo após concluir o mestrado eu fui apresentar o resultado da pesquisa no Congresso da IFLA (International Federation of Library Associations and Institutions), que naquele ano, coincidentemente, aconteceu na Polônia.

### **3. O que é a biblioterapia para você?**

Eu gosto de chamar a Biblioterapia de Mediação Afetuosa da Literatura. É assim que eu vejo a Biblioterapia, para mim é uma prática de cuidado com o ser humano onde o que importa é sermos afetados pelas histórias literárias e pelas histórias compartilhadas no grupo. Desse modo, acredito que saímos mais fortalecidos para seguir a caminhada da vida, nos sentimos menos solitários, um pouco mais saudável e, porque não dizer, mais humanos.

### **4. Qual tipo de biblioterapia você se utiliza para a prática de atividades em biblioterapia?**

Eu trabalho com a Biblioterapia de Desenvolvimento e atuo somente com grupo de pessoas, nunca de forma individual.

### **5. Qual deve ser o perfil de quem pretende aplicar atividades de biblioterapia?**

Antes de tudo, deve gostar de cuidar das pessoas e querer contribuir para uma sociedade mais saudável e feliz. É fundamental também gostar de literatura e ter um bom repertório de leitura. Além disso, precisa já ter vivenciado, na prática, o poder das histórias em sua vida pessoal, para que possa entender o que elas podem fazer por nós.

### **6. Qual público-alvo? Tem limite de idade?**

Qualquer público, sem limite de idade. Mas é muito importante entender que cada público, cada faixa etária, tem particularidades que devem ser levadas em conta na hora de planejar o encontro.

### **7. Para aplicar uma prática biblioterapêutica é necessário observar previamente o perfil e os problemas apresentados pelos indivíduos? Isso facilita a escolha do material a ser utilizado?**

Não. Eu não trabalho dessa forma. Observar os problemas de cada indivíduo e escolher leituras a partir desses aspectos é do campo da Biblioterapia Clínica, que é praticada

por psicólogos, psicanalistas, terapeutas. O meu trabalho a partir da Biblioterapia de Desenvolvimento é com grupos de pessoas e o tipo de temática que eu abordo é universal, própria a todos os seres humanos. Logo, eu não preciso saber quais as queixas ou problemas de cada um, já que na Biblioterapia de Desenvolvimento o objetivo não é aplicar um tratamento específico, mas proporcionar um espaço de cuidado e de partilha para as pessoas. Sendo assim, a partir da literatura nós trabalhamos com temas universais próprios de todos os seres humanos como amor, saudade, medo, solidão, felicidade etc.

#### **8. Qual é a parte que você mais gosta em uma atividade biblioterapêutica?**

Eu gosto de todas as etapas do processo. Mas, eu diria que o que eu gosto mais é do momento da interação com o grupo. Na Biblioterapia, é fundamental ter um momento de partilha após a história. É quando as pessoas se abrem para o outro e compartilham suas próprias histórias, os sentimentos e os pensamentos despertados pelo texto. Para mim, esse é um espaço muito rico. Pois, é o espaço para exercitarmos a escuta, a fala, o olho no olho e, acima de tudo, a empatia. Através da Biblioterapia é possível cultivar esses espaços de trocas que nos alimentam e fortalecem enquanto seres humanos.

#### **9. Quais benefícios você já identificou depois de uma prática biblioterapêutica? São imediatos?**

É difícil de mensurar e muitas vezes identificar, porque os benefícios são de ordem muito íntima e pessoal e, geralmente, as pessoas participam de forma esporádica, não há um acompanhamento específico com cada participante. Mas, a prática da Biblioterapia tem o potencial de proporcionar momentos de riso, choro, reflexão, conexão entre as pessoas, desperta histórias e memórias pessoais, promove empatia, e tudo isso contribui para que nos tornemos seres humanos mais integrados com o que somos e sentimos. Esses são benefícios que não podemos medir e que só poderão ser percebidos a longo prazo pelo próprio indivíduo afetado.

#### **10. Como você se sente sendo formadora de aplicadores de biblioterapia com seu curso Desvendando a biblioterapia?**

Para mim é uma felicidade muito grande! Porque nesse processo eu posso ver de perto como a Biblioterapia vem florescendo em contextos bem variados e como esse é um campo fértil nos tempos de hoje. Eu tenho alunos que são bibliotecários, professores, pedagogos, psicólogos, assistentes sociais, advogados, pessoas aposentadas e outras que estão ali,

simplesmente, por serem amantes da literatura. Através do curso, o que faço é despertar essas pessoas para um trabalho mais sensível e humano com a literatura, eu planto sementinhas. Mas, a formação propriamente dita nunca acaba.

### **11. Qual conselho você daria para quem quer começar a praticar a biblioterapia?**

Antes de tudo é preciso estudar, se apropriar da teoria e entender o que é a Biblioterapia e quais os seus limites enquanto profissional. Não dá para sair fazendo de qualquer jeito. É um trabalho que requer cuidado, paixão, entrega e verdade.

Enviado: 10 de julho de 2020

Recebido: 18 de julho de 2020